



NA LINHA DE FRENTE

RELATOS, REFLEXÕES E EXPERIMENTAÇÕES
SOBRE OFICINAS DE ZINES

MÁRCIO SNO



Márcio Sno

NA LINHA DE FRENTE

RELATOS, REFLEXÕES E EXPERIMENTAÇÕES
SOBRE OFICINAS DE ZINES



Marca de Fantasia
São Paulo - Parahyba - 2022 - 2a edição

NA LINHA DE FRENTE:
relatos, reflexões e experimentações
sobre oficinas de zines

Márcio Sno

Série Quiosque, 63. 2022. 2a edição. 98p.

Coedição

Márcio Sno Produções – Marca de Fantasia



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadedefantasia@gmail.com
<https://www.marcadedefantasia.com>

Márcio Sno Produções: linktr.ee/marciosno

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor: Henrique Magalhães

Projeto gráfico e ilustrações: Márcio Sno

Editoração: H. Magalhães

Revisão: Deise Santos

Conselho editorial

Adriano de León - UFPB	Marcelo Bolshaw - UFRN
Alberto Pessoa - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Edgar Franco - UFG	Marina Magalhães - UFAM
Edgard Guimarães - ITA/SP	Nilton Milanez - UESB
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Ramos - UNIFESP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Publicação independente

Proibida a reprodução com fins lucrativos

Ao reproduzir, cite autor e editora

ISBN 978-65-86031-68-3

SUMÁRIO

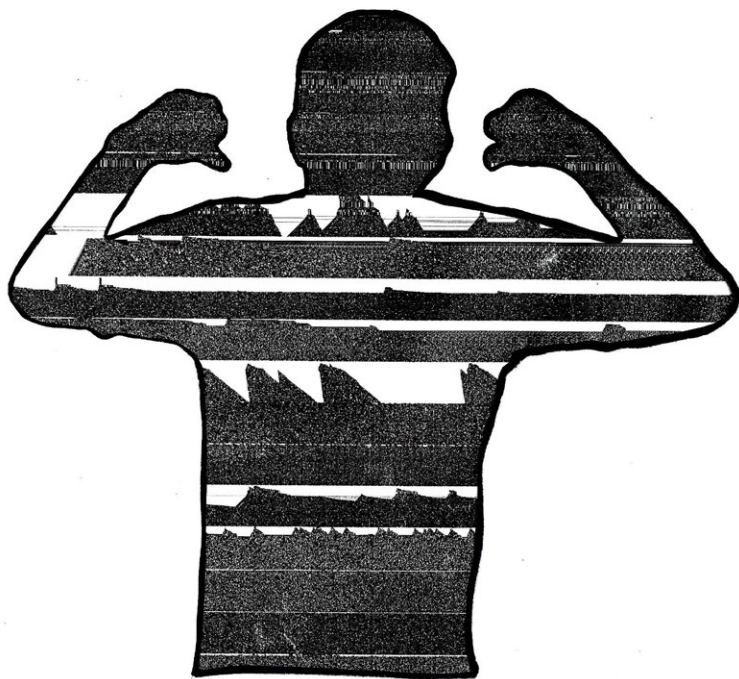
ABRINDO OS CAMINHOS	5
Apresentação	6
Introdução	8
Tá, mas o que é zine?	11
 RELATOS DE EXPERIÊNCIA	 13
Na linha de frente	14
Do meu jeito	15
Cara a cara	18
Somos todos aprendentes	19
Acontece...	21
Aí tem...	24
Precisamos falar sobre	27
Recorta, cola e desdobra	29
 MÃO NA MASSA	 32
Quase lá (pré-oficina)	33
Agora tá valendo	35
Voltando um pouco pra arrumar a casa:	
estrutura para oficinas	42
Vai precisar do quê?	46
Dando um upgrade: oficinas on-line	48
#Fikadika	53
 VAMOS COLOCAR NO PAPEL	 60
Formatos básicos	63
Modelos de zines	66
Receita de bolo	73
Feira de publicações na escola	84
 AGORA É CONTIGO	 88
Onde adquirir zines e publicações sobre o assunto	90
Saiba mais	91

ABRINDO OS CAMINHOS

APRESENTAÇÃO: Henrique Magalhães

INTRODUÇÃO: Márcio Sno

TÁ, MAS O QUE É ZINE?



APRESENTAÇÃO

Em mãos, o novo escrito de Márcio Sno, que delicadamente solicitou-me fazer um prefácio para a edição em livro. Sempre sinto-me honrado com esses generosos convites que valorizam nossa capacidade artística e intelectual, mais do que realmente possam contribuir para o enriquecimento da obra apresentada. O livro vale por si, pelo esforço de elaboração do pensamento, pelo relato das coisas vividas, pela reflexão que engendra.

O que é um prefácio senão um, digamos, “chover no molhado”, uma descrição muitas vezes redundante do que já se encontra na apresentação do livro? Ou uma louvação - não sem merecimento - do autor da obra, quase sempre um amigo cujo conhecimento e afeto são plausíveis. O que acrescenta, então, um prefácio, além da desenfreada camaradagem? Algo mais crítico espera-se dos leitores do livro, que podem tirar as próprias conclusões mais acertadas para construção de sua experiência cognitiva.

Mas o convite de Márcio, além de encantador, é incontornável. Figura conhecida e muito querida no meio independente, lida com a produção de fanzines há décadas e com oficinas desde 2005. Sua experiência adquirida é fenomenal por lidar com os públicos mais variados, em classe, gênero e idade. Na prática, inspirado na pedagogia freireana, aprende ensinando e ensina aprendendo, levando conhecimento e atitude aos educandos, empoderando-os em sua visão crítica e discurso.

“Na linha de frente” relata essa metodologia de formação empregada por Márcio Sno e não só. Precisamente, com essa obra, Márcio segue compartilhando seu processo pedagógico em uma espécie de manual de como fazer fanzine, aliás, como ministrar cursos e oficinas de fanzine. Com isso, vai semeando conheci-

mento e experiência nos educadores que pretendem experimentar essa ferramenta tão transgressora e - por que não? - revolucionária em sala de aula.

Márcio parte de sua prática, relata os percalços e emoções ao lidar com crianças, jovens e adultos que se veem capacitados a ter autonomia e voz por meio da produção de pequenas publicações artesanais, mas que podem adquirir um significado transformador em suas vidas. Eu fui um dos participantes de suas oficinas, em 2015 no Centro Cultural Dragão do Mar, em Fortaleza. Já “macaco velho no meio”, confesso que fiquei encantado com a dinâmica aplicada por Márcio Sno, que me possibilitou a criação de meu mais singelo fanzine.

Henrique Magalhães

INTRODUÇÃO

Desde que comecei a coordenar oficinas, em 2005, venho ensaiando uma publicação direcionada a educadores e multiplicadores. Fiz algo parecido em 2014 com o metazine'*Oficina de zines – Guia para educadores*, que distribuí para educadores que participaram das oficinas que coordenei em ONGs² e escolas. Desde então, venho anotando, rascunhando, acumulando material para a escrita desse texto.

Trabalhei um longo período como orientador pedagógico (embora minha formação seja em Jornalismo) em uma ONG da zona sul de São Paulo, onde pude oferecer, nos encontros de formação de educadores e em supervisões, momentos de aprendizado, utilizando o zine como uma estratégia pedagógica em projetos socioeducativos. Foram muitas experiências e resultados interessantes. E, com isso, ficou muito claro para mim o papel importante que os zines têm não só como estratégia, mas também como um veículo para autoexpressão e até para a revelação de talentos.

O zine não representa a solução para os problemas na sala de aula, mas é uma rica proposta a ser utilizada com crianças, adolescentes e jovens, uma vez que apresenta uma experiência fora da tradicional, que permite aos educandos mais liberdade e estímulo para aprender e (por que não?) ensinar. E não é só na sala de aula que se utiliza o zine como recurso: também pode ser

1. Metazine: zine que fala sobre zine. A cartilha pode ser acessada em: <https://bityli.com/duRUC>

2. Organizações não-governamentais (entidades, sociedades de amigos de bairros, instituições etc.).

incorporado em estratégias empresariais, ações pedagógicas em presídios, abrigos etc.

Muitas pessoas associam zine com histórias em quadrinhos e geralmente usam a desculpa de “ah, não sei desenhar” para fugir da responsabilidade de produzir um. Porém, zine é muito mais que uma plataforma de arte sequencial: pode conter textos, colagens ou fotografias. Também não é aceita a desculpa de “ah, mas não tenho computador”: papel e caneta é o básico para montar um.

É importante que o educador/multiplicador absorva o zine em suas estratégias, porém é necessário o cuidado para que, na obrigação do educando em produzir, não torne o formato em algo chato: é necessário que o mediador compreenda que a liberdade peculiar do zine seja preservada mesmo quando atrelado a uma disciplina obrigatória. Então, cabe ao educador abrir a cabeça para uma nova forma de avaliar os trabalhos produzidos por seus educandos. E isso se estende a outras estratégias que utiliza em suas aulas: precisa sempre estar atento às necessidades de seus educandos que, na maioria, não está muito interessada na prática tradicional de ensino. Estar na linha de frente de seu processo criativo e de sua própria forma de expressão é a chave para termos educandos mais apropriados dos conteúdos sugeridos pelo educador e, conseqüentemente, na formação de cidadãos mais participativos e protagonistas em seu contexto social.

Produzi essa publicação tendo como referência a experiência empírica em oficinas que coordenei pelo Brasil afora e em muitas trocas com amigos oficineiros. Tudo isso contribuiu muito para a minha formação pessoal, para avaliar e melhorar minha didática. Então, tudo isso que está relatado aqui foi testado e aprovado por mim! Porém, esse não é “o jeito certo de fazer” ou a “verdade absoluta e definitiva”, uma vez que sabemos que cada turma tem uma realidade bem diferente (mesmo sendo em locais e faixa etá-

ria iguais) e cabe a você adaptar para cada contexto. O conteúdo aqui apresentado é apenas uma referência.

O texto foi escrito num estilo mais informal, como um bate-papo entre colegas educadores que buscam estratégias novas para trabalhar com suas turmas. O relato também tem algumas idas e vindas, assim como toda conversa que temos.

Espero que esse material traga aos seus educandos experiências bacanas e que se desdobrem além-classe. Se você sair dessa leitura com sua cabeça fervilhando de ideias, então, minha missão foi cumprida.

Divirtam-se!



Oficina no Itaú Cultural - janeiro 2017
Foto: Agência Ofélia - Itaú Cultural

TÁ, MAS O QUE É ZINE?

Zine é um veículo de comunicação, assim como o jornal, revista, televisão, rádio, cinema, gibi etc. Porém, é uma publicação independente, quer dizer que qualquer um pode publicar. Pode ser de qualquer formato e falar do que quiser (sempre usando o bom senso, claro). A sua distribuição se dá de forma alternativa, ou seja, fora do circuito de bancas de jornal e livrarias³: de mão em mão, para amigos, familiares, pessoas com interesses em comum e também em feiras de publicações independentes.

Embora para muitos seja um tema novo, os primeiros zines datam da década de 1930, nos Estados Unidos, com grupos de aficionados por ficção científica que tinham necessidade de se comunicar e expor suas próprias opiniões sobre determinados personagens e/ou séries. Nessa época, eram distribuídos via correio e em eventos. Sua impressão era feita por meio de mimeógrafos⁴, usando uma base (estêncil) que era possível reproduzir em torno de 100 cópias.

Os zines ganharam mais popularidade com o surgimento do punk em 1976⁵ e, uma vez que a novidade trazia estranhamento para a sociedade, uma das formas dos punks se comunicarem era por meio do zines. O mais conhecido nessa época era o *Sniffin'*

3. Há alguns espaços desses que comercializam zines, mas falaremos disso mais adiante.

4. Muito usado nas escolas até a popularização das máquinas copiadoras, em atividades e provas que eram reproduzidas dessa forma. O cheirinho irresistível de álcool que as folhas exalavam foi o primeiro entorpecente de várias gerações. O mimeógrafo voltou a ser usado pelos zineiros, a partir dos anos 2000, exclusivamente como recurso estético e gráfico.

5. Foi nessa época que surgiu a banda estadunidense Ramones que, hoje em dia, muitas pessoas acreditam ser uma marca de roupas.

Glue no qual seu editor, o inglês Marky Perry, incentivava seus leitores a produzirem seus próprios zines usando a frase “faça você mesmo” (*do it yourself*, em inglês), que virou lema do punk em todos os seus aspectos.

Os tamanhos mais comuns são A4 (uma folha de sulfite), A5 (metade de uma folha), A6 (metade da metade) e A7 (metade da metade da metade), porém, existem inúmeros formatos e tamanhos de zines, desde um minúsculo microzine (3x3cm) até um em A2. Alguns desses formatos irei ensinar mais adiante.

Como falei no começo, um zine pode abordar qualquer tipo de assunto e isso possibilita seu uso em diversos contextos, situações e estratégias. O zine lhe oferece a liberdade de expressão, em todos os sentidos. Basta agora você se apropriar e se deixar levar.

RELATOS DE EXPERIENCIA

NA LINHA DE FRENTE

DO MEU JEITO

CARA A CARA

SOMOS TODOS APRENDENTES

ACONTECE...

AÍ TEM...

PRECISAMOS FALAR SOBRE

RECORTA, COLA E DESDOBRA



NA LINHA DE FRENTE

Nunca foi meu objetivo de vida dar aulas de zine. Aliás, o meu trabalho com zines estava arquivado até 2005, quando fui convidado por Xan Braz para dar uma oficina no Sesc Barra Mansa/RJ. Relutei para aceitar, afinal, já tinha aposentado minha carreira de zineiro, mas ele foi persistente e eu cedi.

Nunca tinha dado aulas e tive que, na unha, desenvolver um planejamento para dois dias de oficina. Na medida do possível, foi interessante pois, para me preparar para essas aulas precisei estudar um pouco a histórias dos zines (daí surgiu a cartilha *Fanzines de Papel* – que foi base para meu livro *O Universo Paralelo dos Zines*) e também a criar uma didática para transmitir conhecimento e fazer com que os participantes se interessassem pela produção impressa. Não havia nenhuma referência do tipo para me inspirar.

Obviamente que o formato de oficina que desenvolvi naquela oportunidade eu jamais repetirei, pois estava cru em todos os sentidos e somente depois de dezenas e dezenas de oficinas que, enfim, encontrei a minha fórmula de lecionar⁶.

Nesse meio tempo, desenvolvi oficinas e cursos em muitos lugares com estruturas extremas, faixas etárias bem diferenciadas, distâncias destoantes (em diversos estados brasileiros e uma experiência em Buenos Aires), realidades sociais bem distintas, lugares que me receberam de braços abertos e, em alguns, precisei tomar frente para a oficina acontecer... Tudo isso contribuiu para eu entender a dinâmica e criar um jogo de cintura para lidar com cargas horárias diferenciadas, situações inusitadas, desentendi-

6. Curiosamente, em maio de 2021, recebi uma mensagem de Gabriel Pires, que participou dessa oficina e demonstrou ainda ter interesse no assunto.

mentos verbais e até corporais entre os participantes e, ainda, aprender a lidar com a realidade cruel das pessoas que vivem em situação de risco e vulnerabilidade social.

O período no qual atuei como orientador pedagógico, entre uma formação de educadores e supervisões, eu dava oficinas para crianças, adolescentes e educadores nas organizações comunitárias da zona sul de São Paulo e nos municípios vizinhos de Itapeerica da Serra e Embu Guaçu. Então, unia o útil ao agradável: desenvolvia durante o horário de trabalho e ganhava experiência. Então, aprendi *in loco* a fazer uma das coisas que mais gosto e que nunca tinha pensado em fazer: oficinas de zines.

DO MEU JEITO

Dar oficina de zines tornou-se algo frequente em minha vida. Aos poucos, foi deixando de ser minha atividade paralela para ser a principal. Sim, dez anos depois de minha primeira experiência conduzindo uma oficina, eu passei a viver disso. Essa prática era algo impensável em 1993, quando comecei a fazer zines: cheguei até a afirmar em meu primeiro livro, *O Universo Paralelo dos Zines*, que isso era impossível de acontecer. Quebrei minha própria regra e intuição.

Nesse período, outros educadores também passaram a dar oficinas de zines em diversos contextos e públicos. Cada um no seu estilo, ritmo e estratégia. Criar uma oficina que tivesse minha “marca registrada” nunca foi minha obsessão: eu queria, na verdade, criar uma didática que contemplasse início, meio e fim, na qual o público estivesse de corpo e alma em todos esses momentos e que todos saíssem com seu zine pronto ou, pelo menos, iniciado. Com isso, instintivamente, passei a “sentir” o meu público, ou seja, a perceber quando está cansativo, se está muito

acelerado, qual parte não estão entendendo ou não estão se interessando. Daí, adquiri um *feeling* para saber lidar automaticamente com essa movimentação.

A princípio, minhas oficinas duravam, em média, de três a quatro horas. Como 80% dos serviços que prestei foi por intermédio do Sesc-SP, chegou uma época na qual eles estipularam uma carga horária-padrão para todas as oficinas que ofereciam: duas horas. Recebi essa notícia com muito desespero, pois não achava possível passar tudo que eu queria (ou que achava fundamental) nesse curto período. Mas, fui me adaptando a esse formato e percebi que nem tudo que eu usava nas oficinas era necessário e, a partir daí, que o molde de oficina que eu esperava começou a se formatar.

Porém, aos poucos, fui percebendo que minhas oficinas tinham algo particular que eu não via em outras e que se tornou um diferencial no meu trabalho: as propostas temáticas que eu oferecia, eram baseadas na autorreflexão, no autoconhecimento: e, com isso, proporcionaram colocar no zine um pouco da vida dos participantes. Isso começou quando tinha que criar um tema-padrão para as oficinas e passei a usar “quem sou eu”, como uma forma para também conhecer melhor o meu público. Então, passei a aperfeiçoar essa abordagem.

Assim, passei a criar oficinas e cursos com essa intenção: “Zines para chamar de meus”, “Minha vida em microzines”, “Criando meu próprio estatuto”, “O zine da minha vida”, “Palavras para morar”, “Eu em acróstico”, “Os top 5 que me definem”, são alguns dos nomes que dei. Assim, quase sem querer, que cheguei a um estilo de oficina que posso chamar de meu.

Aos poucos, fui percebendo que essa temática fazia muito sentido na atualidade. A correria do dia a dia, o bombardeio de informações, as tecnologias que deixam as pessoas mais aquém da realidade, os personagens e avatares que usam para interagir

em redes sociais e aplicativos de conversação, enfim, todas essas ocupações não (ou pouco) permitem a pessoa refletir sobre si, de onde vem, como está e pra onde quer ir.

Confesso que, em algumas situações, achava minhas oficinas e cursos meio pesados, pois pegava pesado nesse tipo de reflexão, estimulando as pessoas a pensarem sobre suas ações, suas perspectivas, sem deixar de fora o que têm feito de errado (ou o que não têm feito) para que uma transformação comece a partir delas próprias.

Num desses cursos, eu ia uma vez por semana no Sesc Sorocaba/SP, para ensinar zines e estimular os participantes a refletirem sobre si. Embora o processo tenha sido muitas vezes denso, obtive um resultado muito além do esperado, chegando ao ponto de alguns participantes me falarem que o curso estava obtendo mais resultados que a terapia que faziam. Essa foi a chancela que faltava para determinar o meu estilo de dar aulas. Depois disso, não consigo mais trabalhar zines sem promover esse tipo de reflexão. São poucos minutos, mas que podem, de alguma forma, preencher essa lacuna, que temos dificuldades de cuidar. Munido desse repertório, cheguei a dar oficinas para um grupo de psicólogos, com isso, tive a oportunidade de cuidar de quem cuida.

Esse é o meu estilo de oficina. De repente, você pode se espelhar e multiplicar esse formato. Mas isso não é uma regra. Cada oficinairo, educador, facilitador, multiplicador tem um estilo próprio que precisa ser respeitado e desenvolvido. O mundo não precisa de mais do mesmo: precisa de um leque de opções, afinal, somos semelhantes, mas, ao mesmo tempo, muito diferentes uns dos outros.

CARA A CARA

A maioria do público que desenvolve atividades é formada por crianças e adolescentes. Isso quer dizer que eu aprendo muito com essa geração, sejam com técnicas que podem agregar o meu repertório ou situações tristes que, geralmente, refletem a realidade que esse público passa em casa, na escola, na rua, dentro de si.

Independentemente do que eles trazem para aquele ambiente, uma coisa é certa: todos são curiosos. Afinal, não é sempre que recebem alguém tão diferente do que estão acostumados a ver em sala de aula. Dentre esses, alguns não se seguram e querem saber meu estado civil, se tenho filhos, bichos, qual o significado das minhas tatuagens, se eu sou rico, onde moro, meu time de futebol.

Tento sempre respondê-los da melhor forma (e no melhor horário – pois não deixo de explicar um processo de produção para mostrar, por exemplo, uma tatuagem solicitada por um participante), respeitando a faixa etária da turma, mesmo porque surgem perguntas que não se espera ouvir de uma criança. Faz parte. Penso que é importante sempre se atentar a todas as dúvidas e colocações que o grupo traz. Deve-se levar em consideração de que buscam no oficinairo, alguém desconhecido, isento, uma pessoa que pode olhar seu caso ou dúvida de maneira diferenciada. Ou não, pode ser que queiram só te testar, aí é importante o bom senso de sacar até que ponto alguém quer apenas te expor de maneira vexaminosa ao grupo.

SOMOS TODOS APRENDENTES

Talvez a melhor forma de ser recebido e aceito no grupo é ser humilde. Não ter medo de dizer que não conhece ou não sabe de determinada coisa, pessoa ou assunto. Quando se coloca o educando para explicar algo ao educador e, conseqüentemente, ao grupo, contribui para que seja ele reconhecido e que sempre esteja disposto a expor seus pontos de vista nesse e em outros contextos. Sempre faço questão de deixar claro que o aprendizado só faz sentido se ele se dá em mão dupla, ou seja, também aprendendo muito com os educandos.

Creio que jamais saberia que “59” seria o código para informar que a polícia está chegando, se eu não percebesse que esse número aparecia em vários zines produzidos por uma turma do bairro Cidade Júlia, região periférica de São Paulo. Também descobri que “23” faz referência à cantora Miley Cyrus, que homenageou o ex-jogador de basquete Michael Jordan (esse era o número da camisa que ele usava no Chicago Bulls).

Durante um período, acompanhei o trabalho de uma organização que ficava bem no meio da favela Meu Abacateiro, zona sul de São Paulo, e lá desenvolvi oficina de zines. Nessa época eu trabalhava exclusivamente com o formato x-book e ensinei para todos. Um mês depois voltei à organização e fui surpreendido com duas situações. A primeira que a maioria das crianças e adolescentes tinha feito zines pra mim em forma de agradecimento. Isso já era o suficiente para entender o impacto positivo que essa experiência repercutiu nas crianças. Mas algo que foi feito por algumas crianças que me surpreendeu: no formato que ensinei, usei uma folha A4, porém, percebi que, dentre os zines produzidos, havia alguns feitos em formatos menores, usando como base uma folha A6 (1/4 do tamanho da folha A4). Pode parecer óbvio,

mas eu nunca havia pensado nessa possibilidade. Acabei multiplicando essa ideia e até publiquei alguns zines nesse formato.

Um recurso que ensino a fazer, é a técnica de frotagem (que falarei mais adiante) que é basicamente usar uma superfície áspera para criar no papel texturas com giz de cera. Para exemplificar, utilizo o piso do local, vitrô, portas, solado de tênis etc. Antes de acontecer minha atividade, foi festejado o aniversário mensal dos educandos e um deles descobriu no pratinho plástico uma boa base para frotagem. Esse material criava uma textura suave e de fácil manuseio. E levei esse recurso para as oficinas seguintes.

Talvez um dos momentos mais importantes tenha acontecido na EMEF⁷ Marina Melander Coutinho. A turma tinha, em média, 10 anos e estava toda envolvida na atividade. Em determinado momento, apresentei o zine x-book (“livro em formato de x”, tradução livre) e, dentre outras coisas, eu falava que o zine tinha esse nome, mas não entendia o porquê o “x” no nome, pois nada no formato fazia referência à essa letra. Passado algum tempo, uma menina pediu a palavra e disse “professor, acho que sei porque se chama x-book: se você segurar nessa posição aqui (colocando um dedo em cada página), ele fica em formato de x”. Uau! Chamei a atenção de toda a turma e fiz questão de informar que eu busquei de várias formas saber o significado do nome do formato, mas nunca havia encontrado, porém, tinha acabado de aprender com uma menina de 10 anos! Sempre faço questão de contar essa história até para exemplificar que estamos sempre aprendendo, com tudo, com todos. Basta estarmos abertos para aprender sempre.

Paulo Freire estava certo.

7. EMEF é denominação da Prefeitura de São Paulo para Escola Municipal de Ensino Fundamental.

ACONTECE...

Lidar com pessoas é estar sempre pronto para o imprevisto. E estar com grupos de pessoas em diferentes situações e contextos, o risco sempre é maior. Vou, então, relembrar algumas delas que me deixaram numa saia justa, mas que consegui resolver.

Sempre que vou dar oficina de forma voluntária (ou com apenas ajuda de custo), peço que ofereçam o material que, em alguns casos, inclui revistas velhas para recorte. Porém, não é todo lugar que dispõe desse recurso.

No CCA Joca⁸ ao invés de revistas, ofereceram jornais. E aí vai uma dica: nunca coloque na lista de materiais jornais, pois além de ocuparem um espaço grande para manuseio, suja as mãos e papéis e deixa o ambiente bastante desorganizado. Acabei aceitando esse material por não terem as revistas, enfim, era o que tinham. Porém, o jornal que colocaram para circular era o *Agora*, um periódico popularesco e que, além de cenas de violência, havia fotos de modelos em poses sensuais. Percebi isso quando um grupinho provocava um burburinho vendo as fotos. Comentei com todo o grupo a forma como o corpo feminino era usado de forma equivocada pela mídia e orientei que eles até poderiam usar as imagens das mulheres uma vez que não fosse com entonação sexista ou de depreciação. Então, os meninos que utilizaram as imagens das modelos, o fizeram como referência às suas mães.

Por mais que eu tenha cuidado em selecionar zines para determinadas faixas etárias, já aconteceu de um zine com conteúdo adulto entrar no kit de apreciação (falarei mais sobre isso adiante) que levo

8. Centro da Criança e do Adolescente – CCA, são espaços conveniados com a Prefeitura de São Paulo onde crianças e adolescentes ficam em horário alternativo à escola, realizando atividades socioeducativas. O Joca fica na região de Cidade Ademar, zona sul da Capital.

para as oficinas. Fácil perceber isso quando começa um grupinho cochichando e rindo. O que posso fazer é recolher o material, informando que não era indicado para a idade deles e pedindo desculpas por esse deslize. Então, atenção redobrada nesse caso, pois pode trazer problemas maiores, dependendo do conteúdo.

Em um outro CCA, que era administrado por madres, as revistas solicitadas, além de muitas serem repetidas, eram apenas com temática católica. Nada contra o tema ou crença, porém, a partir do momento que você limita as possibilidades de criação, menos os participantes conseguem produzir. Então, as revistas ficaram em segundo plano: estimei para que focassem na produção por meio de textos, ilustrações e frotagem⁹ e o uso das revistas somente se alguém tivesse interesse em utilizar. Então, fica mais uma dica: se for usar revistas, tente acumular diversidade de assuntos, envolvendo diversas áreas e linguagens, pensando em duas ou três unidades por participante.

Geralmente, a educação se dá pautada em valores machistas, que inibe meninos a produzirem conteúdos que consideram “de meninas” e vice-versa. Talvez por falta de espaço para falar sobre isso em casa e na escola, acabam alimentando uma tradição absolutamente equivocada. Quando isso aparece em minhas oficinas, enxergo como importante deixa para falar sobre o assunto.

Sempre que desenvolvo a oficina “Criando meu próprio estatuto”, uso como material de apoio o livro *Declaração Universal do Moleque Invocado*, de Fernando Bonassi, no qual um menino cria suas próprias leis e, uma delas, que geralmente eu deixo pra falar mais para o final da leitura de trechos do livro, ele diz que

9. Técnica que consiste em posicionar o papel sobre uma superfície com texturas. Passando um giz de cera na folha, se copia a textura da superfície onde está o papel. Essa técnica funciona bem para criar contrastes, que proporciona efeitos interessantes na publicação. Na abertura do Capítulo 4 na ilustração foi utilizada essa técnica.

“meninos podem brincar de boneca e meninas podem brincar de bola”. Quase sempre há um menino que se revolta com essa citação, mordendo, assim, a minha “isca”. É aí que eu entro em ação. Apresento para esses meninos justificativas que mostram que a pessoa pode fazer o que ela quiser, sem se preocupar se isso poderá afetar a sua masculinidade ou o que outras pessoas pensam a respeito disso. Obviamente, abro espaço para que eles também se posicionem a respeito, trazendo as razões pelas quais chegam a esse tipo de discurso.

Uma vez dei uma oficina na biblioteca da Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoeirinha¹⁰ e um menino se indignou com a citação e coloquei meus argumentos para ele e grupo. Ao final da atividade, fui vendo a produção de cada um e umas das leis criadas por esse mesmo menino era “menino pode brincar de boneca e menina pode brincar de bola”. Minha felicidade foi tão grande, que dar um forte abraço nele foi o impulso imediato.

Ainda nessa mesma linha, numa outra oportunidade, quando estava explicando sobre o que poderia ter de conteúdo nos zines, falei que poderia, falar sobre um ídolo e dei como exemplo, que me ocorreu naquele momento, o Justin Bieber. Pronto, foi o estopim para os meninos, além de malharem, defendessem sua masculinidade dizendo que isso era “coisa de menina” ou “de gay” (claro que não usaram esse termo!). Então, tomei pra mim isso: anunciei que o zine que eu faria seria sobre o astro pop! E fiz, contando com a contribuição dos participantes com imagens

10. Fábricas de Culturas são equipamentos mantidos pelo Governo do Estado de São Paulo e administrados por uma organização privada, a Poiesis, que cuida dos equipamentos da zona sul, norte e Diadema, totalizando seis Fábricas. Nesse espaço acontecem atividades pontuais e continuadas em diversas linguagens artísticas, além de espetáculos teatrais, musicais, saraus etc. O acervo das bibliotecas é de curadoria que avalio como incrível, destacando diversos títulos de ações afirmativas e histórias em quadrinhos. Vila Nova Cachoeirinha é um bairro periférico da zona norte paulistana.

do cantor colhidas em revistas e informações sobre o artista que, claro, eu não sabia de nada além da música “Baby”.

AÍ TEM...

Como a forma de desenvolver oficinas de zines foge um pouco do comum que o público está acostumado, tanto na forma de produzir, quanto na linha de reflexão e no estímulo à criatividade, é possível observar nos educandos questões que antes não foram observadas pelos educadores que coordenam as turmas nos demais dias. Também servem para confirmar um diagnóstico já previsto pelo educador.

Já pontuei diversos casos de crianças com problemas sérios de coordenação motora, ao ponto de não saberem usar uma tesoura (várias vezes precisei ensinar a forma correta – ou mais confortável – para cortar). Também crianças que não sabiam escrever, em um estágio da vida escolar que isso não seria um problema. Alguns casos de pessoas com limitações intelectuais. Mas o que mais me assombra é quando percebo que há problemas de violência doméstica (descaso, agressão e até estupros), isso torna o ambiente tenso, embora eu não podendo externar isso, sempre acolho a pessoa de forma sutil. Todos esses casos levei ao educador ou mesmo ao coordenador do local onde estava atuando para que fossem observados com mais carinho e tomados os devidos encaminhamentos.

Também há os casos de baixa autoestima, pessoas que desistem logo no começo ou sem, ao menos, iniciar sua produção, se dizendo incapaz por questões de falta de criatividade ou que não sabe desenhar. Sobre o primeiro item, eu tento, de alguma forma, estimular, perguntando sobre coisas que ela gosta, se identifica ou que gostaria de falar. Quando ela começa a brotar algu-

ma ideia, eu invisto todas minhas forças naquilo que ela pensou. Geralmente isso dá certo, mas às vezes me deparo com situações inusitadas, como no caso da menina que estava sem ideias pra escrever e eu sugeri que falasse da mãe (geralmente as pessoas amam suas mães), porém, ela me respondeu com uma cara grotesca e proferiu entre os dentes: “eu odeio minha mãe”. Depois desse choque, perguntei pra ela qual a pessoa que ela considera mais importante na vida dela. Era o seu pai. Então estimulei que fizesse um zine para ele. O resultado foi uma publicação lindíssima, que não conteve minhas lágrimas.

Algo na mesma linha aconteceu em Timbó/SC. Era um domingo de Dia dos Pais. A oficina aconteceu em um espaço que fica dentro de um parque, onde as pessoas vão passear. Duas meninas não estavam muito convencidas se iam fazer ou não a oficina de microzines. Em um momento, uma delas disse que estava no parque para um churrasco de Dia dos Pais com a família. Então, disse para ela fazer um para o pai. Só que ela considerava o avô, que estava no parque, como o seu pai. Sugeri que ela desse um zine de presente pra ele. E ela fez com muita vontade. Saiu saltitando. E eu emocionado.

Sobre não saber desenhar. Essa é a grande desculpa, mas não caio nessa! Eu não aceito essa desculpa jamais. Todos sabem desenhar. A diferença é que cada um tem seu estilo. Se a pessoa cria uma história utilizando garatujas ou bonecos palito que comunica ou apresenta uma mensagem, a função do desenho está feita. Não importa se você usou caneta profissional com traços rebuscados e detalhados ou se fez à lápis numa folha de caderno. Passou a mensagem, tá valendo! Muitos começam meio timidamente, mas acabam deixando a vergonha de lado e produzem.

Mesmo assim, tem aqueles que sempre acham que o resultado de suas produções é ruim. Aí entra uma ação que eu chamo de resgate. Ou seja, trazer de volta ou fazer sentido o que foi pro-

duzido. Tento, de alguma forma, trazer o lado positivo daquela produção ou mesmo soluções geniais que a pessoa deu para seu trabalho, sem mesmo ter percebido. Muitas vezes testemunhei pessoas impressionadas com o que tinham feito, depois dessa intervenção. Não estou falando que é fácil essa tarefa, mas vale muito usar da criatividade para fazer esses apontamentos. Como é algo à queima-roupa, é na base do improvisado e com a sensibilidade em grau elevado.

Por outro lado, também é possível identificar pessoas com talento em algumas linguagens artísticas que precisam ser incentivadas. Eu evito fazer elogios a pessoas com esses talentos em público, para não a constranger e não inferiorizar os demais. Claro, faço questão de mostrar pro grupo algumas soluções criativas que alguém deu para uma situação, mas sempre pautando na criatividade e não em habilidades pessoais. Nos casos de crianças com talentos, costumo chamá-las para uma conversa mais reservada, geralmente após a oficina, apontando o que observei e de que forma elas podem desenvolver ainda mais. Essa reserva é com objetivo de a pessoa não se sentir “demais” perante os outros, cultivando sempre a humildade. Também aponto essas qualidades ao educador, coordenador e, caso for possível, com o responsável pela criança, sempre frisando importância de incentivá-la desde cedo.

Em alguns casos, eu quebro o protocolo e vou além: ofereço lápis, caneta, papel e até publicações para estimular essas crianças a continuarem produzindo. Mas esse incentivo vem com um combinado: que esse será “nosso segredinho” e que ninguém da turma poderá saber que eu fiz essa graciosidade, além do educador, que também fica sabendo da história. Não sei se elas irão seguir desenvolvendo ou escrevendo na vida, mas a minha parte foi feita.

PRECISAMOS FALAR SOBRE

Embora eu prefira desenvolver oficinas com um tema pré-definido, há situações que não é possível chegar com uma proposta pronta. Às vezes o “quem sou eu” é bem eficiente, mas nem sempre o grupo está disposto a falar de si. Aí vem aquela “brilhante ideia” de deixar que o grupo sugira um tema. Mas quase sempre isso não dá certo, pois se perde muito tempo discutindo sobre um tema específico e aquelas pessoas que não aceitaram o tema escolhido pela maioria, acabam produzindo de qualquer jeito ou, por vingança, acabam nem fazendo.

Então, ao invés de abrir para a escolha do grupo, eu prefiro deixar o tema livre. O que também não é fácil, pois muitos têm dificuldades para lidar com a liberdade de escolha, ou mesmo têm a necessidade de ser desafiado com um tema para começar a produzir. Aí é necessário chegar em cada um e fazer um *briefing*¹¹ para sugerir sobre o que ela poderia falar, ao invés de colocar ideias na cabeça da pessoa, mesmo porque, na maioria dos casos, você não conhece a vida pessoal do educando. Com isso, evita-se situações embaraçosas como a da menina que odiava a mãe.

Quando deixo aberto o tema, alguns sempre se repetem. É recorrente as mães aparecerem, sempre tem alguém querendo homenageá-las. Também tem as BFF¹², que querem provar o amor que têm pela amiga. Curiosamente, é bem mais comum uma menina escrever para outra, menino pra amigo só uma ou duas

11. *Briefing* (tradução livre: resumo) é um termo bastante utilizado em empresas de comunicação e marketing que compreende em entrevistar o cliente para fazer um levantamento de necessidades e, a partir daí, criar um plano de ação ou desenvolvimento de um produto, projeto ou documento.

12. *Best Friends Forever* – BFF (melhores amigas para sempre), termo usados por casal de amigos que se gostam muito e prometem amor eterno.

vezes que presenciei, e nunca vi trocas de amor por amigos entre pessoas de gêneros diferentes.

As meninas costumam usar temas que envolvem mais sentimentos, como os já citados. Sempre tem muita flor, coração e muito amor envolvido! Já os meninos, na maioria das vezes, tratam de temas mais superficiais como consumismo e ostentação, futebol e assuntos aleatórios, de acordo com o que está na mídia ou acontecendo em seu contexto (vide o “código 59” que aprendi numa aula). Nesse caso, para sair desse “lugar comum”, talvez seja interessante fazer um exercício inverso, ou seja, quem produziu algo “fofo” terá que fazer algo “mais pesado” e vice-versa. Dessa forma, abre espaço para que experimentem uma abordagem diferente da que estão acostumados. No caso dos meninos, abre um espaço para falarem mais sobre assuntos sensíveis, uma vez que não é aberto espaço para eles se expressarem dessa forma, ou eles mesmos não abordam por vergonha em relação à postura machista dos demais no grupo. Essa iniciativa pode abrir oportunidades para temas como respeito, cuidado com o próximo etc.¹³

Também é importante ficar atento aos temas que são abordados na temática livre. Pode ser que nessa publicação apareça alguma denúncia, algum quadro de depressão, *bullying*, que precisa ser mais bem aprofundado. Lembre-se de não expor o educando nesse caso: trate de cada caso com discrição a fim de proteger a integridade física e psicológica da pessoa. Conforme o índice de incidências, talvez seja importante trabalhar o tema com o grupo em algum momento.

Outro ponto que merece uma atenção especial quando o tema é livre, é para discursos de intolerância. Mesmo que “por brincadeira” podem surgir produções que depreciam negros, LGBTQs,

13. Sobre esse tema, recomendo o documentário *O Silêncio dos Homens* (veja em “Saiba Mais”).

mulheres, orientais, ou mesmo algum colega da turma por um motivo qualquer. Aí é importante uma abordagem com todos (claro, sem expor os autores e vítimas) sobre o tema. É bom deixar claro que tudo que se registra no papel vira uma prova caso haja algum tipo de denúncia. Sobretudo, importante trabalhar valores com a turma, o cuidado que precisam ter com os demais colegas, a tolerância com as diferenças. Em hipótese alguma autorize que publiquem um zine com algum tipo de discurso de ódio, aproveite essa deixa para falar sobre o assunto e, conforme for, até produzir um zine que fale sobre o respeito às diferenças.

Para ampliar o repertório do seu público, caso trabalhe em sala de aula, é importante, depois dessa experiência de tema livre, criar possibilidades de produção a partir de um tema específico para, assim, estimular a ampliação do conhecimento e senso crítico dos autores. Talvez esse tema possa surgir até do diagnóstico que tirou da produção livre, de repente, um tema recorrente nas publicações pode ajudar a ampliar a discussão sobre o assunto, que pode ir além dos zines, inclusive.

RECORTA, COLA E DESDOBRA

O impacto do trabalho com zines vai além da oficina, da aula ou curso. Muitos desdobramentos acontecem e, às vezes, chegam alguns depoimentos que servem como impulso para continuar atuando. Vou relatar alguns...

Uma vez desenvolvi um dia de oficina na ONG Auriverde¹⁴, que fica no bairro Chácara Santo Amaro, extremo do extremo sul de São Paulo, são aproximadamente 3km de estrada de terra no meio

14. ONG fundada em 1992 pela líder comunitária Vera Lúcia Silva Santos, assassinada em 2020.

da Mata Atlântica. O encontro foi com toda equipe de educadores, incluindo gestores e o pessoal da cozinha e limpeza. Foi bastante produtivo, mas o mais legal foi que o educador André Meireles multiplicou o aprendizado da oficina para os demais educadores de outras unidades e a organização utilizou o zine como plataforma para resumir seus projetos em sua mostra cultural.

Em um dos programas socioeducativos da ONG onde trabalhei, desenvolvia um trabalho de preparação para o trabalho com adolescentes e jovens. Durante um tempo, por meio de um projeto incentivado, publicavam uma revista com seu conteúdo produzido pelos educandos. Porém, um dia esse recurso acabou e eles tinham necessidade de continuar. Após uma capacitação que fiz com os educadores, passaram a adotar o zine como veículo.

Acompanhei as turmas do CCA Joca na visita a uma Bienal de Arte em São Paulo. Percebi que alguns educandos estavam recolhendo impressos que faziam parte da interação com o público. Abordei a turma, para saber o que estava acontecendo e os educandos alegaram que aquele material era para fazerem zines. E fizeram.

Na oficina dada na primeira edição do festival de artes *Faísca*, em Alfenas/MG, o poeta e escritor Daniel Viana não conhecia zines e se apaixonou pelo formato x-book e promoveu o lançamento do seu zine feito nessa oficina em um encontro ao ar livre, num parque paulistano. O preço para adquirir o zine era um abraço sincero!

As oficinas que dei na organização Santa Amélia, na região de Cidade Ademar, zona sul de São Paulo, foi de grande sucesso entre as crianças e adolescentes. Tudo que eles faziam, a partir de então, tinha que ser no formato de zines. Um dia foram surpreendidos com a notícia de que um dos educandos estava internado. Como não poderiam ir todos no hospital, criaram um zine coletivo para animar e dar mais forças ao colega.

Às vezes, os participantes das oficinas levam tão a sério o aprendizado que utilizam os formatos que aprenderam em suas produções. A artista Natasha Motta participou de um curso que dei na Oficina Oswald de Andrade. Na mesma época, fez curso de serigrafia em papel com o artista gráfico Zansky. Durante a Printa Feira de 2019, no Sesc 24 de Maio, para a minha surpresa, ela apresentava seu zine em formato sanfona com bolsos (que também chamo de “carteira”) e a impressão em serigrafia. Confesso que fiquei bem emocionado e feliz em ver que ela entendeu bem a ideia de utilizar na prática o seu aprendizado.

MÃO NA MASSA

QUASE LÁ (PRÉ-OFFICINA)

AGORA TÁ VALENDO

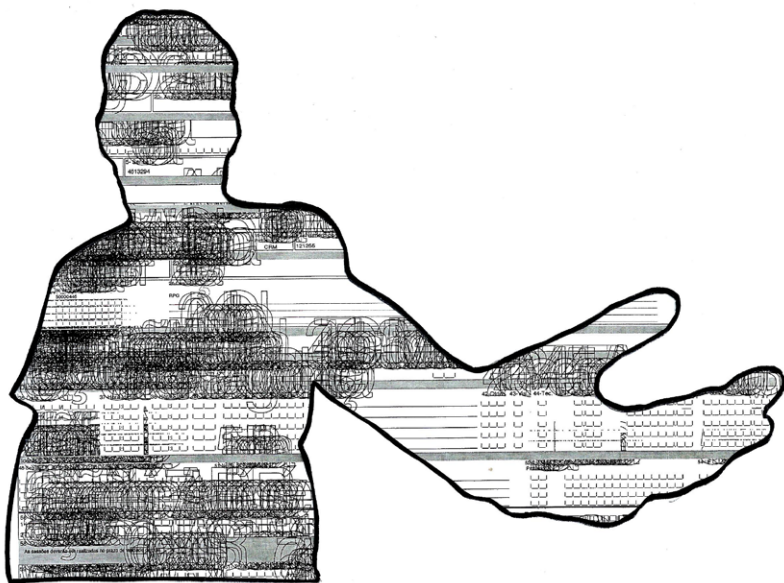
VOLTANDO UM POUCO PARA ARRUMAR A CASA: ESTRUTURA

PARA AS OFFICINAS

VAI PRECISAR DO QUÊ?

DANDO UM UPGRADE: OFFICINAS ON-LINE

#FIKADIKA



Beleza, já falei demais, contei um monte de histórias... Vamos agora ao que interessa de verdade?

Bolei um modelo básico de oficinas pensando no antes, durante e depois. É a forma que adotei para estar seguro durante a formação dos participantes. Claro que você não precisa seguir o passo-a-passo do que eu faço: cada um tem seu estilo de se organizar. O importante é que fique atento a algumas questões que podem ser fundamentais para que sua oficina ou curso seja proveitoso para todos. Inclusive para você.

QUASE LÁ (PRÉ-OFFICINA)

Sempre é muito bom receber o convite para dar uma oficina. E quando isso acontece, já meio que se faz um mapa das necessidades para que ela aconteça da melhor forma. Surpresas sempre haverá pois, quando se trabalha com pessoas, nunca será da mesma forma. Depende muito do ambiente, das pessoas, do clima, do que foi realizado antes de sua atividade ou que pode acontecer. Como assim? As pessoas nunca agirão da mesma forma se, pra chegar ao local da atividade, ela tenha passado por uma manifestação que travou toda a cidade ou aconteceu um crime nos arredores, ou mesmo começa a chover durante a oficina e o pessoal passa a se preocupar como chegarão em casa. Só pequenos exemplos, para entender que, mesmo se trabalhando com um mesmo perfil de turma, nunca uma será igual à outra.

Confirme na véspera ou antevéspera se a oficina ou curso acontecerá ou não. Nem todos os lugares possuem sistemas de comunicação eficazes caso ocorra algum cancelamento ou adiamento. Aproveite para confirmar se o material solicitado (falarei mais adiante) foi separado e qual o local será realizada a atividade.

de. Atente-se também se a turma será a mesma. Sim, acontece de mudarem a faixa etária da turma sem comunicar. Sabemos que a dinâmica para trabalhar com faixas etárias distintas é bem diferente e descobrir isso na hora da atividade pode ser muito desconfortável.

Importante saber exatamente onde será a oficina, pois nem sempre (na verdade, pra mim, quase nunca!) as atividades acontecem perto de casa. Pensar e pesquisar as rotas possíveis, o tempo médio, levar em consideração interferências climáticas e sociais (sim, você também pode passar por uma manifestação que trava a cidade!). Isso tudo para chegar com, pelo menos, 30 minutos de antecedência para se localizar e organizar o espaço e materiais. Se estiver inseguro, planeje para chegar uma hora antes. Nos equipamentos públicos é sempre bom se planejar com uma hora, pois é uma novela achar o local que vai ocorrer a atividade, além das burocracias para passar de um ambiente para outro (principalmente em escolas).

Chegando ao espaço onde acontecerá a atividade, verifique se a disponibilidade de mesas, cadeiras, projetor (se for o caso), estejam da forma que solicitou. Caso não, faça isso imediatamente, deixe o orgulho de lado e coloque a mão na massa, o que importa é que sua atividade aconteça. Depois você discute com quem te contratou sobre isso. O foco nesse momento é outro. Só dê piti depois de fazer um bom trabalho.

Se você é professor em escolas, importante conversar com outros professores sobre a possibilidade de um projeto interdisciplinar ou mesmo o empréstimo do horário de aulas vizinhas para melhor aproveitamento da atividade. Geralmente as aulas duram de 45 a 50 minutos, o que torna impossível (e inapropriado) para uma atividade completa de zines. Isso pode ser possível se conversado com certa antecedência para que fique bem para todos os

envolvidos. Importante que seu coordenador esteja a par dessa dinâmica para evitar problemas com a gestão pedagógica.

Se for trabalhar algum tema específico, é importantíssimo que pesquise sobre o assunto, levando em consideração vários pontos de vista (caso for trabalhar algo polêmico ou da atualidade), pensando nos posicionamentos diversos que podem aparecer. Você não precisa saber tudo, mas importante ter o domínio do básico até para ter mais segurança em sua dinâmica. Ainda sobre isso, esteja sempre aberto para aprender com o grupo, nem sempre a realidade social que você vive, pode estar em acordo com a do grupo. A teoria pode ser linda, mas nem sempre é assim na realidade.

Também fique atento para o direcionamento dos discursos, pois às vezes posturas de intolerância e ódio podem estar embutidas em frases prontas ou mesmo em senso comum do grupo. Jogo de cintura nesses momentos são fundamentais para desmistificar crenças equivocadas e preconceitos. Siga sempre pelo bom senso.

AGORA TÁ VALENDO!

Legal, tudo certinho pra oficina, espaço arrumadinho, público presente... E agora, como introduzir o zine para a turma?

Antes de tudo, a dinâmica depende muito do perfil do seu público. Cada faixa etária tem um ritmo, característica e nem sempre a dinâmica que se aplica para um grupo de crianças funciona com um de adultos. Tendo isso definido, precisa dosar como vai dividir teoria e prática na sua oficina ou curso. Com crianças, a parte teórica tem que ser bem básica, mais para contextualizar o que é zine, fazer uma introdução ao tema e à prática. Com adolescentes, pode colocar mais itens na teoria, mas precisa ser bem dinâmico,

pois quando começar a ficar muito maçante, a turma faz questão de deixar isso bem claro.

Tá, mas se for uma turma heterogênea, com crianças, adolescentes e adultos? Isso geralmente acontece quando a oficina ou curso é promovido por algum centro cultural, aberto ao público. A primeira coisa é estipular uma idade mínima, como requisito de participação. A partir daí, pense na dinâmica de acordo com o perfil da classificação mínima. Pode acontecer de ter pessoas menores da idade estipulada nessas oficinas? Claro que sim. Então é só deixar a pessoa de fora? Claro que não. Se a pessoa foi até lá, é porque ela teve interesse em participar e, de repente, essa oficina pode ser fundamental na vida dela. Claro, se destoar muito, como uma oficina para maiores de 15 e aparece alguém com 5 anos, então, precisa podar. Porém, ah, porém, existe aí mais uma possibilidade: se essa criança estiver acompanhada de uma pessoa dentro da classificação, ela pode acompanhar desde que a mais velha se responsabilize em auxiliá-la. Isso já aconteceu comigo muitas vezes.

Vou aproveitar pra contar mais uma historinha. Uma vez dei uma série de oficinas de tiras de quadrinhos no Sesc Santo Amaro, direcionado para pessoas acima de 10 anos. Num determinado momento, mais para o fim da oficina, apareceu uma família do interior que estava passando o final de semana na Capital. Com eles, uma menina de aproximadamente 3 anos. Ela pegou uma folha e começou a, literalmente, rabiscar. Perguntei pra ela se sabia desenhar e ela disse que não. Então, perguntei se ela gostaria de desenhar alguém e o seu vovô foi o escolhido. Comecei a ensiná-la a partir de formas geométricas, desenhando no meu papel e ela no dela (eu jamais desenho pra criança ou pego em sua mão). Quando ela terminou, deixei a mesa para ela colorir e, então, ouvi um burburinho, a família abraçando a criança, tirando foto... Curioso, perguntei do que se tratava: essa foi a primeira

vez que ela desenhou algo, pois nem na escolinha ela conseguia fazer algum desenho. Logo, essa criança aprendeu a desenhar comigo! Pense no impacto que essa participação acrescentou para ela e sua família... Foi tão significativo pra mim isso, que tatuei o desenho no meu tornozelo.

Para uma oficina básica, é necessário, pelo menos, duas horas. Aí é importante você saber dosar teoria e prática conforme a faixa etária da turma. Uma coisa é importante: dedique tempo maior à prática, pois quando se trata de produzir conteúdo, trabalhar a criatividade, isso requer tempo, as pessoas têm ritmos diferentes, mas sempre leve em consideração quem demora mais. O ideal é dedicar 30 a 40 minutos para sua apresentação pessoal, teoria, sensibilização ao tema, apreciação, e deixar o restante para ensinar o formato do zine e para a produção.

A distribuição de material deve ser feita de forma gradativa quando for formada por crianças. Elas, como têm o nível de concentração curto, começam a mexer nos materiais antes mesmo de iniciar a atividade. Isso pode desviar a atenção dos demais e causar bagunça na turma, então começam as briguinhas pra quem vai ficar com isso ou aquilo. Apresente os materiais aos poucos, sempre reforçando que aquele material é emprestado para ela, uma vez que há uma tendência da criança de achar que tudo é dela. Também tem o caso das cores das tesouras: meninos não querem rosa e meninas querem somente nessa cor. Prefira usar tesouras com uma cor padrão pra não dar essa confusão. Caso houver cores mescladas, eu costumo utilizar a rosa até para aproveitar a deixa para falar que “cores de meninos e de meninas” é uma invenção absurda e o que importa nesse caso é se a tesoura corta ou não.

Agora, vou apresentar como organizo a oficina, antes da prática. Cabe aí você dosar os conteúdos conforme a faixa etária de sua turma e, claro, do jeito que achar melhor.

Em minhas oficinas uso como base a Proposta Triangular¹⁵, com contextualização, apreciação e produção. A contextualização é a parte teórica (o que é zine, quando surgiu, suas transformações, tamanhos, formatos, temas etc.); na apreciação apresento parte do meu acervo com boa variedade de tamanhos, formatos e temas, justamente para mostrar as diversas possibilidades de produção (mesmo que não sejam no formato a ser ensinado no dia); e, por fim, a produção que é fazer os zines nos formatos propostos. Antes da produção, eu faço uma sensibilização para o tema, se for algo que necessitou uma pesquisa ou precisa de uma contextualização maior, é necessário um pouco mais de tempo para a exposição (tente não demorar muito, pois o pessoal estará muito ansioso pra produzir!) ou, se for um tema mais básico, como “quem sou eu”, não precisa se estender muito, pode apresentar o tema e ir entrando em detalhes, conforme as dúvidas forem surgindo no grupo.

Voltando à Proposta Triangular, essa base é bem eficaz, pois trabalha, pelo menos, três percepções da Arte pelos participantes e estimula enxergar projetos e obras com um olhar mais apurado.

Conhecer os membros do grupo que está trabalhando é muito interessante, até para ajudar na dinâmica e desenvolvimento da oficina ou curso. Porém, se você tem um tempo curto para realizar todo o processo, pode deixar essa informação de lado. Muitas vezes, pessoas fazem questão de mostrar todo o seu currículo para os demais e isso acaba sendo improdutivo, tira o foco da atividade e pode até estressar o grupo – e oicineiro, obviamente! Parece meio impessoal isso, não? Caso haja necessidade de saber o que cada um faz, pode ir perguntando conforme o grupo

15. Sistematizada pela educadora Ana Mae Barbosa, a Proposta Triangular no Ensino da Arte consiste em três abordagens para se construir conhecimentos em Arte: contextualização (a teoria e localização histórica da obra e do artista), apreciação (conhecer, interagir e interpretar a obra) e a produção (o fazer artístico, a prática de arte, a mão na massa).

produz, claro, com o consentimento de todos, uma vez que nem todos conseguem se concentrar numa produção enquanto tem alguém falando.

Para se orientar na sua exposição teórica, recomendo que utilize um PowerPoint com tópicos para ir se guiando. Evite encher de textos os slides, pois isso, além de cansar e atrair os participantes para lerem as frases e não ao que você está falando, pode passar a imagem de que a oficina será cansativa. Prefira os tópicos e imagens para ilustrar e exemplificar. Se não houver recurso de projeção no local, faça um pequeno roteiro (ou cola) para se orientar. Um *flipchart*¹⁶ pode ajudar muito para escrever nomes ou termos novos para a turma, para dar exemplos ou mesmo para as dúvidas que aparecerem no decorrer.

Priorize na parte teórica falar sobre o zine, o que é, os formatos, os tamanhos, os temas, a liberdade de linha editorial (não esquecer dos cuidados que precisa ter para não promoverem a intolerância), e algumas pinceladas de seu contexto histórico (pontos-chave: quando surgiu, quando ganhou mais força, a relação com a internet e seu status atual). Falar mais que isso, só se for um curso com vários encontros e que a proposta seja ter uma parte teórica mais aprofundada.

Importante ter um pequeno acervo de zines (veja como e alguns locais onde adquirir no final dessa publicação) de formatos, tamanhos e temáticas diferentes para usar como exemplo. Não se esqueça de fazer uma “operação pente fino” para verificar se há títulos de classificação etária não correspondente com seu grupo, para evitar problemas. Se a turma for muito grande, divida as publicações em blocos e distribua para subgrupos. Também pode eleger uma mesa (que ninguém esteja usando) para colocar

16. Cavalete de madeira que acomoda folhas (geralmente em tamanho A1) para anotações durante uma explanação.

o acervo e estipular um tempo (de 5 a 10 minutos) para que apreciem as publicações. Antes de liberar o grupo para a apreciação, faça alguns combinados. Lembra a história das crianças acharem que tudo é delas? Isso também se aplica aqui, pois podem não querer compartilhar os zines ou mesmo causar danos numa possível “briga por posse” de publicações. Acredite: nunca tive problemas com isso, desde quando adotei essa prática em minhas oficinas, ao ponto de eu colocar no kit zines que considero raros e, até certo ponto, valiosos. Antes disso, já tive publicações rasgadas, riscadas e algumas que desapareceram misteriosamente. Nesse último caso, eu apenas espero que a pessoa faça bom uso do que esqueceu de devolver.

Então, é chegada a hora de ensinar algum formato de zines pra turma. Eu costumo, com turmas novas, ensinar o formato x-book, por ser mais simples, tem a questão atrativa da dobradura, é possível desenvolver com todo grupo ao mesmo tempo e dá até para criar histórias enquanto ensina. Mas você pode escolher o formato que achar mais adequado. Mais adiante, ensino alguns formatos, escolha o seu, teste algumas vezes e manda ver!

Caso haja um tema a ser desenvolvido, esse é o momento de sensibilizar a turma. Gosto muito de usar imagens, músicas, vídeos curtos para ilustrar a proposta e para ter melhor entendimento por parte da turma. Darei alguns exemplos mais adiante.

Dito tudo isso, chegou a hora da produção!

Mas o zine será individual ou em grupo? Depende da sua proposta. Trabalhar em grupo é mais interessante quando a turma é de trabalho contínuo, como em escolas ou ONGs. Esse formato de produção demanda mais tempo, pois vão ocorrer discussões sobre quem faz o que, os temas a serem desenvolvidos, como será a capa, escolha do nome da publicação e, claro, os conflitos internos. Então, nesse caso, a dinâmica terá que ser em formato de curso, ou seja, vários encontros para trabalhar os zines. No

primeiro encontro não é interessante já pedir produção de conteúdo e sim lidar com essas questões de organização já citadas nesse parágrafo.

Antes de iniciar um trabalho em equipe, recomendo que aplique uma atividade individual, para conhecer melhor cada educando, suas qualidades, fragilidades, potencialidades. Isso pode ajudar não só numa atividade de zines, mas também para realizar diagnósticos para elaborar algum projeto ou atividade.

Como já dito, mas é sempre bom lembrar, o tempo pra produção deve ser o maior que puder. Lembre-se sempre que lidar com criatividade e produção requer tempo e trabalhar sob pressão, nesse caso, acaba sendo contraproducente, embora, às vezes, seja necessário dar um empurrãozinho no grupo que acaba se apegando a alguma conversa ou mesmo atrapalhando os demais.

Quanto menos interferências acontecer nessa etapa, melhor, então, se aparecer alguém da gestão ou coordenação querendo dar algum recadinho, peça para passar depois. Já utilizei músicas durante a produção, mas evito utilizar as que estão dentro do repertório da turma, opto por estilos e origens diferentes. Até para aumentar ou estimular o conhecimento musical de cada um. Se tiver um flipchart ou lousa, vá anotando o nome do artista que está tocando, caso alguém se interessar, poderá pesquisar mais a respeito.

Durante a produção, circule pela sala, observando a produção de todos, essa é a oportunidade para ver como se organizam, como produzem e até para visualizar alguma dificuldade que o educando provavelmente tenha em relação à coordenação motora, criatividade, recursos e soluções que utiliza etc. Evite a postura como se estivesse fiscalizando como numa aplicação de prova: quanto menos acuado o educando estiver, mais ele vai se sentir à vontade para produzir.

Caso haja tempo ou espaço para apresentação dos trabalhos, proporcione isso, mas respeite os que não querem compartilhar suas produções para o grupo. Os participantes podem um ver a produção do outro com abordagens entre eles, nesse caso pode ser mais interessante pois alguns se limitam a compartilhar sua produção apenas com parte do grupo.

E como avaliar isso num ambiente escolar? Os critérios são muito pessoais de cada educador. Mas é importante valorizar o processo criativo, deixando a rigidez de instrumentos de avaliação de lado. Avaliar produções artísticas é algo muito subjetivo e é preciso haver todo um contexto para chegar a um conceito. Quando aplico zine em ambiente escolar, levo em consideração: participação e envolvimento, criatividade e adequação ao tema proposto. Assim como nem todo mundo é químico, matemático, físico, nem todos são escritores, desenhistas, designer gráficos, editores etc. O importante é que o zine, mesmo em ambiente escolar, não perca seu espírito de liberdade, contestação e de um autêntico veículo de expressão.

VOLTANDO UM POUCO PARA ARRUMAR A CASA: ESTRUTURA PARA OFICINAS

Mesmo não exigindo muitos recursos, uma oficina de zines, assim como qualquer outra, precisa de uma estrutura básica para a coisa acontecer. Claro que nem sempre conseguimos o básico do básico para dar uma oficina, pois existem muitos lugares que isso é complexo. Por outro lado, já desenvolvi oficinas em locais que ofereciam uma estrutura tecnológica tão grande que até fiquei perdido!

Vou descrever o que eu peço quando envio proposta para algum lugar e aí cabe se adaptar conforme cada caso. O importante

é ser maleável e entender se o que te oferecem de estrutura irá ou não compensar para os participantes. Lembrando que uma oficina pode ser um diferencial na vida de uma pessoa.

A princípio, é necessário uma sala espaçosa, com boa circulação de ar (não confunda com vento, são coisas diferentes!), com pouca interferência de som e luz solar. Sei bem que essas exigências precisam ser relevadas em se tratando de ambiente escolar, no qual a massa sonora é um fenômeno quase que inevitável. Já dei oficinas em espaços abertos, pode ser interessante, mas é muito arriscado, pois precisa depender de fenômenos climáticos e de pessoas que aparecem no meio da oficina pra saber do que se trata (a não ser que a proposta seja de público circulante – que é bem diferente a dinâmica). Uma vez dei uma oficina no Sesc Osasco, onde resolveram, no mesmo dia, fazer uma série de oficinas simultâneas na área aberta da unidade. Começou tudo bem, mas a meteorologia anunciava chuvas, mesmo com dia ensolarado. Não deu outra: no meio da oficina começou a ventar e, em seguida, caiu um temporal. Foi um corre-corre enorme, pois estávamos trabalhando com papeis e tinha muito material espalhado na mesa.

Numa outra oportunidade, desenvolvia uma oficina com o escritor Nivaldo Brito dos Santos, no Sesc Parque Dom Pedro e a banda Pato Fu estava fazendo a passagem de som exatamente no horário da oficina e fazia muito barulho, pois o local onde estávamos era próximo ao palco. Embora eu seja fã da banda, nesse dia deu vontade de nunca mais ouvi-los (obs.: a mágoa já passou!). Então, nada melhor que uma sala sem essas interferências para que todos (você e os educandos) foquem na atividade e desenvolvessem resultados bacanas.

Gosto de trabalhar com mesas compridas, pois ajuda na socialização da turma, organização do espaço, distribuição de material e também para melhor circulação quando estou explicando ou

acompanhando a produção. Claro que nem todos os locais dispõem de mesas, mas algo que gosto de fazer é juntar as carteiras, formando uma mesa única. As turmas escolares geralmente gostam dessa nova diagramação, pois saem da rotina de ficar um atrás do outro. Mas, para isso, precisa ser bem combinado com a escola e/ou professor, pois exige uma força-tarefa e um tempinho para organizar tudo. Uma dica é pedir a ajuda de todos para configurar (e desconfigurar) o espaço, além de poupar tempo e esforço, também trabalha a coletividade do grupo. Em salas de aula eu costumo fazer dois mesões paralelos, justamente para que todos me vejam e eu possa ver todos. Tente colocar as fileiras com, pelo menos, um metro de distância uma da outra, para não ter problemas quando alguém quiser levantar e não esbarrar no colega que está atrás. Porém, há aqueles espaços nos quais as cadeiras são juntas com a carteira, que são muito ruins de trabalhar, pois o educando não tem espaço suficiente para produzir e a distribuição de materiais fica bem problemática. Nesse caso, eu já trabalhei com o pessoal nessas condições (foi péssimo!), mas tem outra possibilidade: afastar os móveis para os cantos e desenvolver a atividade no chão, em círculo, além de sair totalmente dos padrões, cria um clima mais descontraído entre os participantes. Lógico que vai ter um e outro que não vai querer sentar no chão, então, duas coisas: avalie se a limpeza do espaço seja adequada para esse formato e/ou providencie folhas de jornal ou papel kraft para forrar o chão. Para convencer os presentes, fale sobre a importância de quebrar paradigmas, de sair do senso comum, do “normal”, fale sobre a loucura do mundo e do bem que faz quebrarmos as regras da sociedade!

Projeto multimídia (popularmente conhecido como datashow) é um importante aliado, principalmente, se for aprofundar na parte teórica e precisa mostrar fotos, vídeos de exemplos. Eu tenho um projetor portátil, do tamanho de um aparelho celular, que dispensa a conexão a um computador durante a oficina

(precisa inserir os arquivos previamente) que ajuda bastante em locais que não dispõem desse recurso. Mas já dou dois conselhos importantes para esse uso: certifique-se que a sala é adequada para projeção (se o interruptor de luz é fácil e acessível – nem sempre é na própria sala –, se tem como escurecer, caso seja muito iluminada pelas janelas) e, o mais importante, não coloque muito conteúdo nos slides que for apresentar. Prefira reunir tópicos para ir desenvolvendo a atividade, servindo mais como um roteiro para não se perder na explanação, para isso, precisa ser bem preciso nas suas escolhas do que vai projetar, muitas imagens podem deixar a turma dispersa ou entediada.

Ah, mas no local não tem datashow, dá pra fazer? Claro que dá. Comparando com o total de oficinas que dei, em 15 anos, o uso desse equipamento foi bem pouco. Se precisar de algo para se orientar e, como já foi apontado, use flipchart ou a própria lousa da sala para criar seu roteiro até mesmo para anotar palavras novas para o grupo, nomes, referências etc. Também é possível fazer uma oficina sem nenhum desses recursos, mas aí precisa estar bem inteirado do conteúdo e de como irá desenvolver. Já passei por situações que o equipamento não funcionou e fui salvo com uma “colinha” do roteiro que eu levei (imprimi as páginas do PowerPoint e fiz um zine sanfonado). Então, se não estiver seguro, elabore o seu roteiro e deixe perto de você. Pronto, agora é só arrasar!

Caso o ambiente lhe der boas condições, um *plus* é colocar uma música de fundo enquanto o pessoal produz, de preferência estilos que a turma não está acostumada a escutar. Gosto de fazer isso em turma de adolescentes e jovens, usando músicas que serviram de bases para rappers, assim, eles ouvem a base ou a batida achando que é o grupo Racionais MCs tocando “Homem na Estrada” e descobrem que é Tim Maia cantando “Ela Partiu”. Relembrando: é legal também colocar a música e anotar o nome do artista para

que todos vejam e, caso se interessem, pesquisem a respeito. Isso é importante para o aumento de repertório, oferecer sonoridades que estão fora ou que não chegam até aquele público.

VAI PRECISAR DO QUÊ?

Provavelmente essa é a pergunta que sempre vai ouvir quando for planejar uma oficina. Ela é fundamental para que a coisa aconteça. Os materiais para oficinas de zines geralmente são muito parecidos, só mudam alguns itens, de acordo com o formato ou proposta que for aplicar com a turma (mais adiante darei exemplos de propostas).

Basicamente vai precisar de: folhas sulfite A4, tesouras (de preferência sem pontas), cola branca líquida (particularmente não uso bastão), lápis grafite, borracha, apontador de lápis, jogos de canetas hidrográficas, lápis coloridos, giz de cera, revistas antigas, grampeadores 26/6. Esse tipo de material eu uso em oficinas de zine x-book ou A5 (uma folha sulfite dobrada ao meio). Dá pra fazer muitas coisas só com esse material.

Geralmente eu penso um item para cada participante, porém, alguns itens não precisam disso tudo, pois podem ser utilizados de forma coletiva, então, temos, por exemplo: tubo de cola (1/3)¹⁷, borracha (1/2), apontador de lápis (1/5), jogos de canetas hidrográficas (1/3), jogos de lápis colorido (1/3), jogos de giz de cera (1/5), revistas antigas (3/1), grampeadores (1/10). Sempre considere que sua turma estará cheia para preparar o material, mesmo sabendo que não terá nem a metade do quórum: pode ser que tudo dê muito certo nesse dia e sua turma esteja lotada.

17. Entenda a referência: “1/3” = 1 item a cada 3 pessoas.

No caso de precisar de material diferenciado como, por exemplo, papéis de gramaturas diferentes, especifique bem detalhado, inclusive o tamanho da folha. Se for o caso, inclua o valor desse material em seu orçamento (e compre você mesmo), para não ter erro. Foram muitas as vezes que o material que solicitei veio errado. Aconteceu uma vez de eu ter pedido papel colorplus 180g¹⁸, na véspera perguntei se estava tudo certo e me confirmaram. Chegando ao local, além de ser o papel de gramatura menor, estavam em folhas A1, ou seja, precisei cortar as folhas antes de iniciar a atividade. Isso sem falar em tesouras que não funcionam, tubos de cola secos ou com bicos entupidos, lápis quebrados... Um horror!

Isso quando tem material. Por isso, tenha sempre consigo um “kit de sobrevivência”, mesmo o local que te contratou ter prometido os materiais que solicitou. Nem sempre o que você prefere trabalhar estará disponível para você. Eu mesmo prefiro, por exemplo, uma cola que tem o bico fino, mas raramente recebo desse jeito. Também tenha na manga alguns livros que use para alguma sensibilização, pode ser que ajudem em algum momento.

Caso tenha espaço na mala, leve alguns materiais para incrementar. Sempre pode ter um artista que tem uma ideia incrível e usá-los em suas produções. Alguns materiais que podem ajudar: carimbos artesanais ou fabricados, bandeja de isopor (para técnica de gravura), adesivos (de desenhos ou bolinhas coloridas), papel de presente, post-it, cordões, placa de papelão, botões à granel, fitas adesivas coloridas, perfuradores decorados, cola quente etc. Se no local houver outros materiais e for de fácil acesso, bote pra dentro de sua oficina!

18. Papel com gramatura maior que um sulfite (que geralmente tem 75g), mais firme e com cores mais vivas que uma cartolina.

Comece a juntar os materiais uns dois dias antes, para não esquecer nenhum item, utilizando uma caixa de papelão ou plástica para organizar. Faça um *check list* antes de sair de casa, vale até ser paranoico para não esquecer nada. Caso tenha um acervo de material, recomendo que identifique com alguma marca ou mesmo com seu nome, para não ser confundido com o material do local, caso for oferecido.

DANDO UM UPGRADE: OFICINAS ON-LINE

Com a pandemia que assolou o mundo a partir de março de 2020, aumentou muito a oferta de *lives* e oficinas virtuais. É bem diferente, pois é necessário um comportamento e estrutura diferentes para esse tipo de formação. Já realizei atividades on-line e posso dar algumas dicas para fazer sua “laivezinha”.

Uma das principais dificuldades para fazer uma *live* é a interação com o computador ou celular que você está usando para transmitir. Nada substitui o encontro físico com as pessoas, mas aos poucos, é possível se acostumar com esse formato. Eu mesmo criei muita resistência antes de participar de bate-papos on-line, mas percebi que não é tão ruim assim, tanto que, com isso, eu tirei da gaveta um projeto e mantenho um programa no YouTube¹⁹ sobre zines. Um bom exercício é fazer chamada de vídeos com pessoas que conheça para ir testando possibilidades, ângulos, cenários e, principalmente, para ir “se soltando” no vídeo.

19. *Meu Zine Minha Vida* é um programa criado, produzido e apresentado por mim, no qual falo sobre o processo criativo dos zines que lancei desde 1993. É mostrado como se chegou à ideia, as influências, o processo de produção e desdobramento. Ao final de cada episódio, dou uma dica de livro que faz alguma referência aos zines. Nesse canal também têm outros vídeos de *lives* e oficinas que coordenei pela internet.

Um equipamento bom é fundamental para fazer uma transmissão básica. Para uma oficina é melhor um celular a um computador, pela mobilidade de mudar o enquadramento, quando você precisar mostrar algum detalhe ou sequência etc. Para ajudar nisso, um tripé de mesa ajuda bastante. Uma boa conexão de internet é indispensável, já vi muitas transmissões ao vivo se perderem por isso, inclusive comigo. A dica é estar perto do modem que distribui o sinal.

Importante o espaço ser bem iluminado. Vale aumentar a luminosidade com abajur, luz de outro celular etc. Eu costumo usar, além da luz do cômodo, duas luminárias de mesa viradas para a parede ou rebatendo em algum papel branco (pode ser cartolina, sulfite, folha de EVA etc.), nunca com a luz direta em mim, pois além de ofuscar a visão, os reflexos nos óculos e ainda prejudica o contraste da imagem. Também uso manta térmica (película prateada) que são retalhos de forro de casa.

Prefira ambientes onde a interferência de som seja mínima. Além de atrapalhar a concentração de quem está transmitindo, pode prejudicar a audiência. Claro que não dá pra evitar cachorro latindo e vizinho brigando, mas quanto mais evitar esse tipo de ruído, melhor. Ajuda bastante usar fones de ouvidos, que podem ser aqueles que já vêm com seu celular, mas aí o cuidado precisa ser maior, pois corre o risco de você enroscar o braço no fio, levantar e, com isso, derrubar o celular, fazer aquela bagunça toda. Sim, isso também já aconteceu comigo algumas vezes! Evite colocar o microfone muito próximo da boca, para não ficar aquele chiado desagradável, principalmente para quem está ouvindo.

Ao contrário do que eu sugiro nas oficinas presenciais, não use músicas de fundo para uma transmissão na internet. Existem recursos técnicos que identificam músicas em vídeos, que podem

bloquear seu vídeo ou mesmo “derrubar”²⁰ sua transmissão ao vivo. Isso por conta da política de direitos autorais de peças fonográficas. Então, se for pra colocar música, que seja de alguém que você conheça e que autorize a veiculação na sua *live*. Mas recomendo ficar sem trilha sonora mesmo. Para evitar o silêncio absoluto, principalmente durante a produção do grupo, fale alguma curiosidade, comente algum fato sobre o tema ou mesmo pergunte coisas específicas a algum participante.

A ambientação do cenário (o que vai aparecer no vídeo) é importante também. Prefira fundos mais neutros, ou que a decoração tenha alguma relação com o que está passando em sua oficina. Na real, quanto menos informações na tela, além de você e a oficina, melhor. Ah, de preferência que o cômodo escolhido não seja de passagem de outras pessoas (sala, cozinha, corredor, quintal), pois vai desconcentrar todo mundo. Já teve casos de a esposa de um famoso apresentador, passar de toalha durante uma *live* que ele fez em casa.

O enquadramento ideal quando você está falando com o público é o plano americano, ou seja, do abdome pra cima. Quando for necessário tirar você do foco e mostrar algum detalhe, não hesite em mudar a câmera de posição. Como tudo é ao vivo e pede descontração, avise que vai mudar o enquadramento para mostrar detalhes e tudo bem: “olha, pessoal, vou virar a câmera para focar nas minhas mãos agora”. Assim como quando for voltar a câmera para você.

Tenha todos os materiais em mãos, assim como os de referência (livros, modelos etc.). Claro que pode acontecer, no decorrer da oficina, de você precisar de algo que não estava planejado. Se for fácil de pegar, peça licença e vá pegar. Se não sabe onde está

20. Termo usado quando a plataforma que exhibe *lives* corta a transmissão sem prévio aviso.

ou sabe que vai ser difícil de pegar, desencane: fale que vai postar depois em uma rede social (e poste) ou, quem se interessar, entrar em contato.

Existem várias plataformas para transmitir uma oficina on-line, como Instagram (com duração máxima de 1h), Facebook, YouTube, ou mesmo Zoom, Streamyard, Google Meet, Teams, entre outras. Tudo isso pode ser feito gratuitamente e dá pra salvar o vídeo no final da transmissão ou mesmo publicar em algumas das redes sociais.

E, por último, mas de grande importância, divulgue. Muito. Não faz sentido criar uma *live* e não ter quem veja. Use suas redes sociais e aplicativos de conversa para espalhar e atingir mais pessoas, além do seu círculo de amizades. Para isso, faça uso de *hashtags*, pois muitas pessoas fazem buscas em aplicativos por meio de *tags* como *#zine*, *#oficinaonline*, *#oficinadezine*, por exemplo. Crie flyers para distribuir entre seus contatos, *timeline* e *stories* nas redes sociais. Vídeos chamando para oficina também podem funcionar.

Bem, básico para estruturar uma oficina on-line já está registrado. Agora uma sugestão de roteiro para deixar a sua *live* mais fluída.

- Entre uns 15 minutos antes para testar os equipamentos, conexão, áudio, vídeo etc.

- Nem sempre o pessoal chega no horário marcado, então, fique um, dois ou três minutos (ou até ver que tem um número bacana de expectadores) falando coisas aleatórias, passando o tempo mesmo.

- Então, apresente a oficina, falando o que será desenvolvido, se quiser falar o roteiro de como será, pode ser interessante também, pois pode ter pessoas perguntando coisas não diretamente relacionadas à oficina no decorrer da transmissão, que podem atrapalhar.

- Faça uma breve apresentação pessoal, lembrando que nem todos podem te conhecer, uma vez que suas *hashtags* se espalharam pelo mundo.

- Repasse a lista de material. Especifique e explique caso o material tenha alguma particularidade. Por exemplo: explicar a diferença da gramatura de uma folha pra outra, indicar local que vende e no que pode ser utilizado. Também, pense na possibilidade de substituir um material por outro, como substituir papel colorplus por cartolina, ou mesmo sulfite, em último caso.

- Agora é hora de ensinar e dar sentido à *live*: a oficina. Tente ser o mais didático e paciente possível. Nesse momento, é importante a câmera estar mais focada em suas mãos e nos processos de produção.

- Abra um espaço pra dúvidas, para quem não entendeu determinado passo da produção. Eu faço um combinado com o grupo: pergunto se têm dúvidas e espero por cinco segundos. Se ninguém se manifestar, dou por entendido que todos compreenderam e sigo adiante.

- Evite recomeçar o processo, pois, além de se tornar repetitivo para quem pegou a oficina do começo, vai tomar um bom tempo que tem disponível. Eu costumo avisar quem chega no meio do processo, que a oficina estará disponível em tal site. Isso serve como consolo e boas-vindas para quem chegou atrasado e, ao mesmo tempo, demonstra respeito a quem acompanha desde o começo. Porém, uso o tempo no qual o pessoal está produzindo para retomar a explicação aos que se atrasaram ou não entenderam determinado passo.

- Mais para o final, abra para perguntas em geral, em relação ao que foi apresentado, sobre outras questões do contexto no qual a proposta da oficina se situa, enfim, o tal do “pergunte que eu respondo”. Isso ajuda a terminar a oficina de forma mais suave e com cara de confraternização pois, dependendo da plataforma, a sua

live pode ser interrompida, por questão do tempo, e isso acontecer no meio de uma explicação não é bacana.

- Pós-oficina: é possível que muitas pessoas não consigam ver a oficina no horário que aconteceu. Então, é bom que salve em alguma plataforma para que outras pessoas possam assistir a qualquer dia e horário. Repita o mesmo processo de divulgação com suas respectivas *hashtags*. Eu também me coloco à disposição nas redes sociais caso alguém tenha dúvidas, queira dicas de produção e pesquisa, ou mesmo porque ficou com vergonha de perguntar durante a oficina.

- Com certeza nem tudo sairá como planejou. Como é ao vivo e depende de recursos tecnológicos, é fácil isso acontecer. Desencane, se você não ofendeu ninguém ou falou o que não devia, não tem do que se preocupar. O que deu errado por uma questão sua, trabalhe para que na próxima *live* você resolva e melhore.

#FIKADIKA

Creio que já dei várias dicas na escrita desse material, mas há algumas coisas específicas que ressalto, principalmente para quem ainda não tem experiência com oficinas. Mais uma vez, ressalto que esses relatos são baseados em minha experiência, pode ser que você se aproprie de algo, mas é fundamental traçar o caminho de sua forma, do seu jeito. Fica, então, a minha colaboração.

Claro que você não vai criar o seu estilo de oficinas logo de cara e dificilmente receberá por isso. Na verdade, esse processo acontece de forma gradativa e a velocidade varia de pessoa para pessoa. Mas sugiro que não tenha pressa: deixe as coisas irem se encaixando aos poucos, no próprio tempo. Então, esteja disponível para realizar oficinas de forma voluntária, além de suprir

uma necessidade de um grupo, a experiência ajudará a trabalhar a sua dinâmica e didática com as turmas e a moldar o seu estilo de dar oficinas.

Não à ditadura do grampo! Existem outras formas de encadernar seu zine! Elásticos, barbantes, ferragens e fitas também podem ser elementos para organizar as páginas. Também existem técnicas como x-book que não utilizam de nenhum recurso (além de corte) para encadernação. Mas se for usar o formato tradicional, preparei um vídeo de como grampear o meio da folha, disponível no link e QR code no começo do capítulo “Modelos de Zines”.

Se for fazer cópias do material produzido, um cuidado a ser observado é o uso de canetas esferográficas, lápis grafite e de cores como amarelo, rosa, vermelho. Essas cores e materiais não têm uma resolução boa quando fotocopiadas em impressoras ou copiadoras monocromáticas. Então, se a intenção é fazer várias cópias da publicação, esse cuidado deve ser observado. Prefira canetas de cor escura (preta ou azul marinho).

Ainda sobre a impressão, quando produzir um zine é necessário manter uma distância de aproximadamente 0,5cm das extremidades da folha, pois as copiadoras criam uma margem quando imprimem as cópias. Então, se tiver algum texto nessa margem, não aparecerá nas cópias. Uma vez um grupo de educadoras aprendeu a fazer zine x-book comigo e o convite da festa da organização delas foi feito nesse formato. Porém, elas não se atentaram às margens e o dia do evento no zine foi cortado na hora de imprimir. Ou seja, a informação principal foi excluída nesse descuido.

Uma outra forma de disponibilizar os zines para um público maior, é escanear os originais, salvar em PDF e publicar em plataformas como Google Docs ou Issuu, ou mesmo distribuir por e-mail ou aplicativos de conversa. Importante de antes de publi-

car, atentar-se se o conteúdo dos zines estão aptos para circular em um público maior pois pode ser que algum conteúdo seja de caráter mais reservado e o autor pode se sentir constrangido em compartilhar com outras pessoas.

Da mesma forma, não exponha os participantes forçando que mostre sua produção para o restante do grupo. Pode ser que a pessoa abordou algo muito pessoal que não se sente à vontade para compartilhar. Sempre peça autorização para ver a produção de cada participante, se a pessoa não quiser mostrar, tudo bem. Eu tento criar um vínculo de confiança com meus educandos e eles, geralmente, me confidenciam suas produções.

Na parte mais teórica, nem todos se empolgam, pois pode ser muito maçante para alguns, que acabam igualando a oficina com a dinâmica do ensino formal. Por isso, importante bolar uma apresentação rápida, prática e que a turma participe mais ativamente.

Dar oficina no período da tarde, principalmente logo após o almoço, requer certos cuidados, pois os corpos das pessoas estão mais relaxados e propícios para uma soneca. Nem é pelo fato de o conteúdo ser desinteressante, mas é difícil controlar essa necessidade do corpo. Então, evite conteúdos teóricos muito aprofundados, vídeos longos, muito texto. Prefira uma abordagem mais dinâmica e interativa. Vale fazer uns alongamentos no começo, aumentar um pouco o tom de voz, dando uns sustinhos de vez em quando. Se a situação fugir do controle, recomendo pedir uns dez minutos para o pessoal se esticar, jogar água no rosto e circular no ambiente, para dar uma acordada.

Reitero que sempre deixe mais tempo em seu planejamento para a parte prática, pois é quando eles piram e precisam de mais tempo para produzir. Geralmente pedem até tempo a mais para terminarem. Importante que sempre anuncie o tempo faltante para que eles tenham noção, cronometrando o tempo e ir avisando quando faltar vinte, dez, cinco minutos, para irem agilizando.

Mas tome cuidado para não ser muito radical nessa contagem regressiva, pois é péssimo produzir sob pressão ou, como diria o poeta, “não se apressa a arte”.

Quando trabalhar com público em situação de vulnerabilidade social, tenha muito cuidado com o que fala e trata determinados assuntos. Lembra a história da menina que odiava a mãe? Então, só para ver como existem casos bem complexos! Nessa situação consegui me safar, mas todo cuidado é pouco quando não conhecemos a realidade do público com o qual trabalhamos...

Sempre que possível, participe das oficinas também fazendo o seu zine ou colaborando com algo. Os participantes ficam mais motivados para produzirem. Mas importante ficar atento à movimentação do grupo, pois alguém pode estar com dificuldades e precisa de ajuda em algum momento. Faça o seu zine, mas o principal é que o grupo entenda a mensagem e saia com o zine na mão ao fim da oficina. Nesse caso, a prioridade não é o seu zine e sim a turma.

Atente-se sempre para os cuidados com os materiais que utiliza nas oficinas. Embora não seja muito adequado ao público mais velho, use sempre a tesoura sem ponta, nunca se sabe se haverá uma criança na turma ou alguém com intenções ou distúrbios que possam causar acidentes. Da mesma forma o uso guilhotina para refile²¹, estiletes ou bisturis, deve ser feito apenas por adultos, pois esses materiais utilizados por crianças ou pessoas sem habilidades com objetos cortantes, pode render problemas e umas gotas de sangue. Talvez uns pontos.

O zine tem como característica a autoexpressão e a liberdade de pensamento. Então, é bem possível que em um trabalho com

21. Refile é a técnica de corte para alinhar as folhas de uma publicação. Em uma guilhotina, a publicação finalizada tem suas extremidades cortadas de forma alinhada, dando um acabamento mais estético.

crianças e adolescentes a escrita seja recheada de gírias e, claro, erros de gramática e concordância. Dependendo da sua intenção com a oficina, você pode relevar a ortografia e encarar que essa é a forma como a pessoa consegue se expressar. Quando eu vejo algo escrito errado, tento ser o mais discreto possível, para sugerir a correção da palavra, se o ambiente não favorece essa discrição, prefiro deixar passar para não expor a pessoa. Agora, se você leciona Língua Portuguesa (ou outro idioma), acho que vale a pena usar essa produção como forma de aprendizado, claro, com todo o cuidado para que o educando não seja exposto e traumatizado.

Quando a proposta é trabalhar com turma aberta (geralmente em centros culturais), é bom estipular uma faixa etária. Com zines, o ideal é que o participante saiba escrever, mas pode ser que apareça alguém sem essa habilidade. Ou então você abre para pessoas a partir de oito anos e aparecem pessoas de nove, quinze, trinta, cinquenta anos. Então, duas coisas: ou você fecha numa faixa etária específica ou terá que ter jogo de cintura para lidar com essa heterogeneidade, afinal, o ritmo, criatividade, concentração e coordenação são bem diferentes para cada uma dessas idades. O segredo é saber dosar para agradar um e outro. E como consegue isso? Experimentando, sempre.

Sempre que possível, reserve um tempo para uma avaliação final da oficina. Fiz muito isso nos primeiros anos quando comecei a lecionar, para sentir o que o público achava do meu desempenho e, assim, ver onde eu estava arrasando, pecando e onde poderia melhorar. Prefiro fazer isso por meio de questionário impresso, de preferência anônimo pois, assim, os avaliadores poderão ficar mais confortáveis para sinalizar os pontos negativos da oficina pois, geralmente, o público se sente intimidado em fazer esses apontamentos verbalmente em grupo. E eu ainda encorajo para que falem mal, pois só assim eu consigo melhorar minha performance. Esse questionário precisa ser o mais sucinto que

puder, lembrando que ele será aplicado ao final da oficina e é bem possível que tenha pouco tempo restante.

Nesse instrumento de avaliação pode conter perguntas como: A oficina atingiu suas expectativas? O que acha que faltou? Os materiais foram suficientes? O mediador foi claro em sua explanação teórica e prática? Como acha que pode assimilar o que aprendeu com a sua rotina? Caso pense em produzir zines, quais seriam as temáticas que quer abordar? E, por fim, pedir sugestões para melhorar a oficina.

Importante sempre colocar data no zine. Isso ajuda a se autoavaliar depois de um, dois, cinco dez anos da publicação. A forma como escrevia, pensava, desenhava... Avaliar se os sonhos, crenças, atitudes se mantiveram, melhoraram ou mesmo pioraram. Também quando for fazer alguma pesquisa e for usar a publicação como referência, essa data fará muita diferença.

Grampear o meio de uma folha A5 (sulfite dobrado) parece ser coisa para gráfica ou necessita de um grampeador especial. Nada disso! Apenas com um grampeador e uma borracha (dessas de apagar) é possível encadernar seu zine sem muito esforço. Vou mostrar o passo a passo para arrasar em seus zines!

- Dobre as folhas intercaladas ao meio e faça um vinco na dobra.
- Coloque a borracha abaixo das folhas, na direção do vinco, onde quer grampear.
- Abra o grampeador.
- Grampeie na linha, na parte onde está a borracha.
- O grampo ficará fixado no papel e na borracha.
- Delicadamente, tire a borracha.
- Dobre o grampo para dentro (como se estivesse matando piolho).
- Pronto!



Oficina no Sesc Santo Amaro - novembro 2015
Foto: Alessandra Souza

VAMOS COLOCAR NO PAPEL

FORMATOS BÁSICOS

MODELOS DE ZINES

RECEITA DE BOLO

FEIRA DE PUBLICAÇÕES NA ESCOLA



A maioria dos lugares que recebe oficinas pede um projeto para entender o que você quer apresentar. Aí você entra em pânico pois não sabem nem por onde começar. Mas não tem nenhum mistério: o contratante só quer ver no papel o que você vai fazer. Tenho um roteirozinho básico que pode te ajudar a nortear seu projeto.

- **Objetivo Geral:** é importante deixar claro onde quer chegar com a oficina. Basicamente seria “introduzir os participantes à prática de zines e na produção de conteúdo”.

- **Objetivos Específicos:** é o conjunto de objetivos que ajudam a atingir o objetivo geral. Pode entrar nesse item: “estimular a criatividade e a criticidade por meio da escrita, desenho e colagem; promover o trabalho em grupo; ampliar o repertório artístico; desenvolver a capacidade de liberdade de expressão, escolha, iniciativa, responsabilidade e autonomia; etc.”. Aí também entram os conteúdos que vai trabalhar caso seja desenvolvido algum tema nos zines.

- **Justificativa:** é o diagnóstico que se faz para explicar o projeto: qual a razão dessa atividade existir? Geralmente quando se trata de trabalhos manuais, pode levar em consideração a grande influência dos meios de comunicação, principalmente da internet, que desmotivou a produção de materiais físicos e as práticas manuais. A justificativa também pode surgir de uma problemática ou situação (que vai abordar no tema do zine). A necessidade de estimular a autoexpressão e autopublicação também são justificativas bem convincentes.

- **Estratégias:** aqui será exposto como vai fazer para alcançar os objetivos propostos, quais serão as atividades desenvolvidas, a carga horária, como vai dividir os momentos de explanação, apreciação e prática. Caso for abordar um tema específico, liste referências que vai utilizar (livros, revistas, trechos de filmes, músicas etc.).

- **Materiais:** listar a quantidade exata do que vai precisar (veja exemplo em “Vai precisar do quê?”) e, caso necessitar de algo muito específico, detalhe o máximo que puder, para não ter erro. Caso parte dos materiais seja de responsabilidade dos participantes, não se esqueça de destacar essa contrapartida e compromisso.

- **Recursos:** é tudo que vai precisar no espaço físico: sala, mobiliário, equipamentos. É a estrutura básica que precisará para a oficina acontecer.

- **Produto final:** definir com o que os participantes sairão ao fim da oficina. No caso, um zine e o seu conteúdo.

- **Avaliação:** caso houver tempo para essa prática, contemple. Mas também é importante informar como será essa avaliação: por meio de algum instrumento (questionário), roda de conversa etc.

- **Currículo do oficinairo:** resumo da formação e experiências anteriores para validar que a oficina será conduzida por um profissional qualificado para a atividade.

- **Bibliografia:** Talvez seja importante se for trabalhar com bastante teoria ou, se for desenvolver algum tema, citar livros que usará como referência.

Ajuda também inserir fotos de oficinas anteriores, que dará mais crédito e validará tudo aquilo que escreveu e prometeu no projeto.

FORMATOS BÁSICOS DE OFICINAS

Existem vários formatos de oficinas, mas vou dar exemplos de estrutura de oficinas, ou seja, como geralmente organizo a minha rotina. Então, mostrarei uma oficina pontual, de um dia, e um curso com quatro encontros. Geralmente cada encontro tem duração de 2h para contemplar todos os conteúdos. Mas aí, de acordo com o tempo que terá, você se organiza como lhe convém.

Formato Oficina (um único encontro)

- Perguntar ao grupo quem tem conhecimento de zines. Se houver alguém, abrir espaço para falar da experiência (lembre-se de regular o tempo).

- Falar brevemente sobre você e sua experiência.

- Explicar o que é zine; mostrar alguns exemplos, levando em consideração a variedade de tamanhos, temas, formatos e até qualidade técnica.

- Fazer uma rodada de apreciação de zines, para que os participantes tenham contato próximo com as possibilidades de produção.

- Ensinar para a turma o modelo a ser desenvolvido no encontro. Geralmente eu uso o modelo x-book, por ser mais simples.

- Esse é o momento para explicar e sensibilizar sobre o tema a ser desenvolvido.

- Distribuir os materiais, tentando sempre deixar a quantidade adequada para o número de pessoas próximas aos materiais.

- Hora da produção. Deixar o pessoal produzir à vontade. Ficar atento à movimentação do grupo em relação a quem apresenta dificuldades, dispersão, solucionar dúvidas e administrar o tempo.

- Conforme forem terminando as produções, pedir para ver o que foi feito, se for o caso (e com a autorização do autor), mostrar para a turma alguma solução criativa que a pessoa tomou. Esse também é o momento para dar alguns toques em relação aos conteúdos, projeto gráfico etc.

- Se houver tempo, pode abrir uma roda de discussão, avaliação e apreciação.

Formato Curso (4 encontros)

Nesse exemplo, o formato compreende em um zine coletivo, feito por equipes de até 5 pessoas, que pode ser usado em sala de aula.

Encontro 1

- Apresentar uma breve teoria e distribuir zines para apreciação dos participantes.

- Ensinar como montar um zine A5. Veja como grampear em “#Fikadika”.

- Montar subgrupos para a escolha de temas e divisão de tarefas. Importante que essa divisão garanta a participação efetiva de todos de forma justa e democrática.

- Escolher o tema (ou temas) a serem desenvolvidos no zine.

- Lição de casa: construção de um boneco²².

Encontro 2

- Apresentação dos bonecos, de preferência atendendo individualmente cada subgrupo para as devidas orientações.

- Começo de produção de conteúdo.

- Lição de casa: continuação da produção de conteúdo.

22. Boneco é uma espécie de rascunho do que será a publicação, com a quantidade de páginas, distribuição de seções, fotos, ilustrações etc. Pode ser do tamanho final da publicação, ou em formato reduzido.

Encontro 3

- Produção do conteúdo final.
- Dar uma conferida em algumas questões técnicas (margens, cores etc.) e de ortografia, se for o caso.
- Lição de casa: finalização e solicitar que cada grupo faça uma cópia para cada membro do grupo e mais um para o educador. Se houver a possibilidade de usar copiadora do local, melhor ainda. Se conseguir cópias para cada educando, será perfeito!

Encontro 4

- Apresentação dos grupos e apreciação das cópias e/ou originais.
- Se possível, convidar um zineiro para comentar sobre as produções.
- Dar devolutivas para cada grupo, apontando pontos positivos e os a serem aperfeiçoados.
- Roda de conversa para avaliar e apontar os aprendizados em relação à produção e trabalho em equipe.
- Se possível, realizar uma exposição dos zines e, se for próximo de uma mostra cultural ou pedagógica e puder expô-los, será ótimo para que mais educandos e educadores tenham contato e, quem sabe, multipliquem a ideia.
- Registrar todo o processo com fotos e, se possível, sistematizar a experiências, destacando: estratégias, pontos positivos e negativos, desdobramentos, avaliação.
- Disponibilize os zines em plataformas digitais, como Google Docs, em um blog ou páginas em redes sociais e compartilhe com a comunidade escolar e familiares.

MODELOS DE ZINES

Agora é hora de ensinar alguns modelos que geralmente eu uso em oficinas por serem simples de montar embora, aparentemente, pareçam ser complexos²³. Gosto desses formatos pois eles envolvem dobraduras e isso, principalmente para crianças, torna a atividade mais prazerosa. Existem infinitos formatos e tamanhos, mas vamos começar com os mais fáceis?

Uma dica geral é sempre que fizer dobras, reforce os vincos com dobradeira²⁴, cabo de tesoura ou mesmo com a unha. Reforçar essas dobras ajuda muito no resultado da estrutura de seu zine.

Aqui ensino somente a estrutura, o conteúdo fica por conta de sua imaginação e de seus educandos! Tá, eu dou uma ajudinha no capítulo seguinte, “Receita de Bolo”.

Como sou bonzinho, gravei a maioria das sequências em vídeos produzidos para algumas instituições e para essa publicação, que estão disponíveis no link <https://bityli.com/HySvdo4>.

FOLDER COM 3 DOBRAS

Esse formato é muito simples, que requer apenas um material e já é bastante usado comercialmente.

Material

- Folha sulfite A4²⁵

23. Alguns desses formatos ensino a fazer no quadro “Brincando de Criar”, dentro do programa Brincando de Imaginar (veja em “Conteúdos On-line”). Há outros sites com tutoriais meus em linktr.ee/marciosno.

24. Equipamento usado para reforçar dobras, muito utilizado em trabalhos de *scrapbook*. Pode ser de madeira, PVC ou mesmo de osso.

25. Esse modelo corresponde a uma folha de sulfite comum. A medida oficial é 21cm x 29,7cm.

Montagem

- 1) Segurando a folha na horizontal, faça uma dobra no meio.
- 2) Abra a folha e pegue uma das extremidades e dobre até ao meio. Na verdade, não chegue até o meio, vá até um pouquinho antes de chegar na linha central. Isso vai facilitar o abrir e fechar da publicação.
- 3) Repita a mesma coisa do outro lado.
- 4) Pronto!

X-BOOK

A esse ponto dessa publicação você já não aguenta mais ler esse nome, né? Aparece bastante pois é o modelo que sempre uso nas oficinas mais básicas. Além de exigir poucos materiais e sua montagem ser bem lúdica.

Na exposição “Jean-Michel Basquiat – Obras da Coleção Mu-grabi”, que aconteceu no Centro Cultural Banco do Brasil - São Paulo, em 2018, o programa distribuído para o público era no formato x-book. Se foi baseado em algum zine não sei, mas me deu uma grande alegria ver um modelo que uso em oficinas num evento tão importante.

Esse modelo forma oito páginas (incluindo capa e contracapa) e, por usar apenas um dos lados, é possível usar papéis já usados.

Materiais

- Folha sulfite A4
- Tesoura

Montagem

- 1) Com a folha na horizontal, dobre ao meio, com a folha no sentido horizontal.
- 2) Com a folha dobrada, vire novamente na vertical, e dobre.
- 3) Vire novamente na vertical e faça mais uma dobra.
- 4) Abra a folha até a posição 2.

- 5) Perceba que um lado da folha abre o outro lado não abre.
- 6) Na parte que **não abre**, faça um corte com a tesoura até a linha do meio.
- 7) Abra a folha na posição inicial.
- 8) Dobre na horizontal.
- 9) Segurando nas extremidades, empurre para dentro.
- 10) Empurre até o final, até as folhas ficarem sobrepostas.
- 11) Dobre ao meio e está pronto!

SERPENTE COM CALÇAS

Apreendi esse formato com a equipe da Schizzibooks, no qual aprendi a maioria dos formatos diferentes que desenvolvo em meus zines. Foi a partir dessa estrutura que, em 2015, idealizei o *Haicobra*, em parceria com o escritor, poeta e ilustrador carioca Fabio Maciel, e que, dois anos depois, virou livro e rodou o mundo.

Esse formato tem esse nome primeiro por sugerir uma cobra e, quando feitos os cortes, lembra duas calças com uma das pernas conectadas. Existem outras formas de realizar o corte, como o em G, por exemplo.

Eu uso esse formato tanto nas oficinas de zines, como na de brinquedos de papel. É muito interessante usar esse formato, pois ele propicia movimento e dá pra brincar bastante com as possibilidades do formato.

Materiais

- Papel colorplus 180g (ou cartolina), tamanho A4.
- Tesoura
- Régua

Montagem

- 1) Na lateral menor da folha (que tem 21cm), meça 7cm e faça uma marca.
- 2) Nessa marca, faça uma dobra até a outra extremidade.

- 3) Repita no outro lado, como num zig-zag.
- 4) A folha ficará com esses vincos.
- 5) Segurando a folha na horizontal, faça uma dobra no meio.
- 6) Abrindo a folha novamente, pegue uma das abas e dobre até o vinco central.
- 7) Faça o mesmo do outro lado.
- 8) Abra a folha na posição inicial e perceba que se formaram doze quadros com os vincos.
- 9) Em uma das laterais menores, faça um corte em uma das linhas até o fim do penúltimo quadro.
- 10) Vire a folha e faça o mesmo no lado oposto.
- 11) Vá dobrando em zig-zag até o final. Nas curvas muda um pouco a forma de dobrar, mas acaba sendo meio instintiva e a dobra se dá naturalmente.

SANFONA COM BOLSOS (OU CARTEIRA)

Esse formato é bem legal, pois ele proporciona várias possibilidades de utilização e dá pra brincar bastante com isso.

A montagem, a princípio, lembra o da serpente com calças e usa um dos passos do formato folder de 3 dobras.

Materiais

- Papel colorplus 180g (ou cartolina), tamanho A4.
- Tesoura
- Régua
- Cola líquida branca
- Elástico de dinheiro²⁶ (opcional)

26. Popularmente conhecido como “liguinha” ou elástico de cabelo.

Montagem

1) Na lateral menor da folha (que tem 21cm), meça 7cm e faça uma marca. Ao contrário do outro formato, essa medida não precisa ser exata, pode ser aproximada.

2) Nessa marca, faça uma dobra até a outra extremidade.

3) Segurando a folha na horizontal, faça uma dobra no meio.

4) Abrindo a folha novamente, pegue uma das abas e dobre até quase chegar no vinco central. Isso vai facilitar abrir e fechar a sua publicação.

7) Faça o mesmo do outro lado.

8) Abra a folha na posição inicial e perceba que se formaram retângulos e quadrados menores.

9) Nas dobras e nas extremidades laterais dos quadros, passe uma camada fina de cola.

10) Dobre a parte menor, de encontro à maior, para colar.

11) Ajude a forçar a junção, usando uma dobradeira, cabo de tesoura ou unha. Aplicando mais força nas extremidades.

12) Coloque as filipetas com seus conteúdos nos bolsos.

13) Dobre as extremidades para dentro.

14) Por fim, dobre mais uma vez.

15) Se quiser, finalize com um elástico para manter a publicação fechada.

MICROZINE

O formato mais popular e querido nas oficinas que coordeno. O seu tamanho lhe dá o título de “fofinho” e atrai a atenção – principalmente de crianças. Porém, os conteúdos não precisam ser necessariamente para esse público. Eu mesmo, tenho vários títulos nesse formato direcionado para adultos.

Geralmente trabalho com o tamanho de 3cm x 3cm, mas você pode usar a medida que achar mais adequada para sua necessi-

dade e público. Por ser um formato minúsculo, é recomendado para públicos com coordenação motora já mais desenvolvida, portanto, com os pequenos é mais complicado esse formato.

Embora seja fácil de montar, é preciso uma preparação antes para estruturar as bases da capa e miolos. Isso eu faço no PowerPoint, que é mais fácil de trabalhar formas. Como assim, PowerPoint? Sim, eu uso esse programa pois não utilizo programas gráficos e dá muito certo, dentro do que eu preciso e espero nas minhas publicações.

Vou fazer um tutorial rapidinho de como criar a base para as capas e miolos:

- 1) Configure a página no formato retrato e com tamanho A4.
- 2) No PowerPoint vá em “inserir” > “formas”.
- 3) Escolha a forma “retângulo”. O cursor vai virar um “+”, clique e arraste até formar um quadrado (não se preocupe com o tamanho por enquanto). Tire a cor de fundo e sombra.
- 4) Clique com o botão direito do mouse e vai aparecer um menu. Selecione “formatar forma”, vai aparecer uma aba no canto direito da tela. Vá em “propriedade de tamanho” > “tamanho”. Aí coloque o tamanho de altura e largura para 3cm.
- 5) Agora só selecionar a forma, copiar e colar um quadro ao lado do outro. Vai colocando quantos achar necessário. Nessa medida, cabem seis quadros por linha. Dica: para oficina, utilize 12 quadros. Lembrando que cada quadro equivale a uma página do microzine.
- 6) Se quiser colocar margens de meio centímetro em cada quadro, pode facilitar para limitar o espaço de produção de onde será grampeado o microzine.

Com essas bases prontas, já podemos produzir o microzine!

Importante: a montagem só se dará depois que os participantes preencherem com conteúdo o miolo e a capa. Então, é necessário distribuir para cada um a base de miolo e um jogo de capas.

Materiais

- Papel sulfite A4
- Papel colorplus 120g ou 180g
- Grampeador 26/6
- Tesoura
- Fitas adesivas coloridas

Montagem

1) Para a capa, imprima em papel colorplus 120g ou 180g. Melhor a primeira opção, pois é mais maleável para ler. Para o miolo, imprima em papel sulfite.

2) Importante avisar aos participantes respeitarem a margem de meio centímetro do lado esquerdo, pois é aí que será grampeado e tudo que é escrito ou desenhado ali não vai aparecer.

3) Depois de preenchido com conteúdo, cada quadro deverá ser recortado, mantendo a margem. Dica: antes de cortar, orientar para que numerem as páginas (pode colocar o número na área da margem). Também se atente em orientar para não esquecerem a margem também na capa e contracapa.

4) Intercalar as páginas e colocar uma capa na frente e uma no verso (contracapa).

5) Dê “tapinhas com a ponta do dedo” nas extremidades das páginas, para deixar alinhado.

6) Grampeie na região da margem, mais ou menos centralizado.

7) No verso, o grampo vai ficar em relevo. Com o cabo da tesoura ou um outro objeto, bata nessa parte até baixar e ficar no nível do papel. Eu, como faço muitos, uso um martelo de bater bife.

8) Pegue um pedaço de fita adesiva colorida e coloque na lateral onde está a margem, passando um pouquinho de onde está o grampo.

9) Corte os excessos na parte de cima de baixo.

10) Dobre o restante da fita para a parte de trás.

11) Pronto!

RECEITA DE BOLO

Atuando como oficinairo desde 2005, estruturarei alguns modelos de oficinas que mostram o meu estilo de lecionar. Em todas as oficinas os materiais, além dos relacionados em cada modelo, também são necessários os básicos, já citados anteriormente, além de zines para exemplo e apreciação.

As atividades podem acontecer em formato de oficina ou curso, aí fica de acordo com a disponibilidade. A produção dos zines pode ser feita em grupo ou individual.

Esses modelos também podem ser adaptados para outras linguagens ou matérias.

CRIANDO MEU PRÓPRIO ESTATUTO

Materiais

- Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), Constituição Federal Brasileira e Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

- Livro “Declaração Universal do Moleque Invocado”, de Fernando Bonassi e cópias de algumas páginas.

Introdução

- Apresentar para o grupo os principais documentos que garantem os direitos humanos, a começar pela DUDH, seguido pela Constituição Federal e o ECA.

- Fazer um breve comentário sobre cada documento.

- Separar algumas frases em destaque no livro “Declaração Universal do Moleque Invocado” e apresentar para a turma e discutir sobre o conteúdo.

- Distribuir as folhas copiadas do livro para lerem (podendo trocar entre eles). Se o tempo for curto, você mesmo pode selecionar trechos, ler e comentar com a turma.

Desenvolvimento

- Após a leitura, pedir para que se organizem em subgrupos (de acordo com a quantidade – de preferência, não passar de 5 pessoas em cada).

- Cada grupo criará suas próprias leis, sem copiar as apresentadas no livro.

- Criarão, então, um zine A5 no qual, em cada página, terá um direito criado, com ilustrações que façam referências a cada direito (podendo ser recortes ou desenhos).

- Ao término, cada grupo apresentará o seu estatuto para os demais.

- Recomenda-se fazer uma cópia de cada estatuto para os participantes.

Esse modelo é adaptável para outros formatos como microzine, x-book, carteira ou serpente com calças. Porém, nesses casos, é recomendada a produção individual.

AUTOINTERVENÇÃO ARTÍSTICA

Materiais

- Imagens de obras dadaístas, punk, e de artistas contemporâneos como, por exemplo, Flávio Bá, Kauê Garcia, Leo Daruma e Ricardo Rodrigues (trabalhos disponíveis no Instagram).

- Fotos dos participantes tiradas antes da oficina (impresso em papel).

Introdução

- Contextualizar sobre o estilo dadaísta de se apropriar de imagens para criar novas obras.

- Mostrar as imagens recolhidas, mostrando exemplos diferenciados de intervenção.

- A proposta dessa oficina também é para brincarem com sua própria imagem e não se levarem tão a sério.

Desenvolvimento

- Distribuir as fotos para cada participante.

- Cada um fará intervenção e sua própria foto, seja de maneira positiva ou ridicularizando.

- Estipular para que criem uma história em cima da imagem que criaram. Podendo usar palavras ou frases recortadas para compor a obra.

- Ao final, fazer uma exposição das obras. Recolher as produções e montar um zine A4, não esquecendo de creditar os autores de cada obra.

- Se possível, tirar cópia de cada zine e distribuir para a turma.

AMIGO ZINECRETO

Materiais

- Itens diferenciados como: papelão, botões, linhas, adesivos, barbantes, cola quente etc.

Introdução

- Avisar aos participantes que será feito um amigo secreto e que cada um terá que produzir um zine para dar de presente para quem sortear.

- Sortear os nomes.

Desenvolvimento

- Cada participante fará o seu zine no formato e tamanho que quiser, utilizando os recursos que têm, sem limites.

- Importante que cada um produza o zine levando em consideração apenas as qualidades da pessoa sorteada. Por isso, essa atividade é recomendada aplicar quando o grupo já se conhece.

- Ficar atento com o surgimento de discurso de ódio ou bullying, caso alguém tenha sorteado uma pessoa que não tem afinidade.

- Ao final, celebrar a troca de zines entre os amigos.

PONTOS DE VISTA

Baseada na oficina de Escrita Criativa, de Samir Mesquita, durante o Faísca (Alfenas/MG), em 2014.

Materiais

- Objetos variados.

Introdução:

- Posicionar a turma em círculo na sala.
- Escolher um objeto e mostrar para turma.

Desenvolvimento

- Pedir para cada um escrever no papel pelo menos 5 palavras que fazem referência ao objeto. Exemplo: fósforo – fogo, luz, faísca, energia, calor.

- No meio da roda, realizar alguma ação utilizando o objeto (não precisa ser o seu uso convencional) e peça para observarem. Finalize sua ação com uma pose.

- Cada um produzirá um microtexto sobre aquela ação (de preferência de forma poética), utilizando as palavras que anotou na primeira observação.

- Pedir para alguns voluntários (que se sintam confortáveis) lerem as suas produções.

- Cada um produzirá um zine x-book, colocando seu texto e ilustrações se achar necessário.

- Se possível, tirar uma cópia para cada e uma outra para trocarem.

DÉTOURNEMENT

Preparação anterior

- Tirar cópias de histórias em quadrinhos (trecho ou completa). Pode ser histórias variadas ou da mesma para cada participante.

- Apagar com corretivo líquido (ou em programa de edição de imagens) os textos dos balões e caixas de diálogo.

- Tirar cópias conforme a quantidade de participantes, de preferência já no formato do zine que deseja para o trabalho final.

Materiais

- Cópias de histórias em quadrinhos, sem os textos dos balões, preparados anteriormente.

- Exemplos da técnica de détournement, de preferência histórias que não sejam as que vai usar nas atividades.

Desenvolvimento

- Orientar que cada um terá que inventar situação, contexto e diálogos de acordo com o que as imagens parecem oferecer.

- Solicitar que criem capa para a produção.

- Após a conclusão, é interessante que cada um troque com outros para conferir as produções individuais. Também pode ir expondo as produções na parede, com fita crepe, para que todos confirmem as versões dos demais.

- Mostrar a história original para os participantes, só para conhecimento. A ideia não é chegar perto do original, mas criar versões diferenciadas.

- Importante mostrar também a história em quadrinho original (na íntegra), contextualizá-la, assim como o autor, para agregar conhecimento (e, quem sabe, interesse) ao grupo.

ZINES PARA CHAMAR DE MEUS

Formato para ser desenvolvido em 4 encontros. Você pode escolher em utilizar formatos diferenciados de zines para cada um dos encontros ou utilizar um único modelo para desenvolver com o grupo.

Materiais

- Itens utilizados para produção de zines em formatos variados, equipamento para reprodução de material audiovisual com caixas amplificadas, material de referência: músicas, livros de biografia, trechos de filmes etc.

Introdução

- Sensibilizar a turma sobre formas de falar de si, para isso pode usar de músicas, livros, até mesmo trechos de filmes.

Desenvolvimento

Primeiro encontro

- Apresentar uma música na qual o artista fale sobre sua história. Eu gosto de usar “Cidadão Honorário (Outro)” do rapper Black Allien, seguida de reflexão sobre o conteúdo da música.

- Conversar com o grupo sobre as características e gostos do compositor.

- Sensibilizar a turma de que somos formados por aquilo que nos identificamos: gostos, manias, escolhas, valores, pessoas com as quais lidamos etc.

- Solicitar ao grupo que produzam um zine utilizando o tema “Quem sou eu?”

Segundo encontro

- Apresentar uma música ou filme que aborde sobre objetivo de vida, sonhos etc. Sugiro o curta-metragem *Deer Boy*, de Katarzyna Condek.

- Pedir para que cada um escreva seus objetivos de vida, suas vontades, seus sonhos, de preferências coisas palpáveis e dentro do mundo real. Também importante estimular a turma sobre suas pretensões em relação à humanidade.

- O tema do zine a ser produzido é “O que eu quero?”

Terceiro Encontro

- Mostrar algum material que aborde sobre processos de mudança ou transformação. Recomendo a música “O Processo” do grupo BNegão e os Seletores de Frequência.

- Baseado nos objetivos traçados no encontro anterior, os participantes preencherão o conteúdo com “Qual o percurso vou percorrer para atingir meus objetivos?”

- Um formato legal para essa temática é o da serpente com calças, pois em uma ponta pode colocar o status atual da pessoa e, na outra extremidade, os objetivos a serem alcançados. Então, no espaço entre um e outro, o educando vai colocando o passo a passo.

Quarto Encontro

- Mostrar para a turma uma música que fale sobre autorreflexão e mudança de postura. Costumo usar um trecho da canção “O homem na estrada” do Racionais MCs, seguida de reflexão sobre o conteúdo da música.

- Sensibilizar o grupo de que para atingir objetivos na vida também é preciso reavaliar algumas atitudes, posturas e conceitos equivocados.

- Solicitar ao grupo que criem um zine a partir do tema: “O que eu preciso mudar para me melhorar?”

É interessante promover momentos de trocas entres os participantes, podendo ser em um quinto encontro, como roda de conversa para avaliar como foi o exercício de falar de si.

PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Nesse modelo de oficina, será eleita uma problemática a ser discutida para levantar possibilidades da sua resolução. Poderá ser realizado em dois encontros.

Materiais

- Itens utilizados para produção de zine no formato carteira, canetas, lápis, folhas de sulfite.

Preparação

- Dividir a turma em subgrupos numa quantidade que garanta a participação de todos. Quanto mais heterogêneo, melhor.

Introdução

- Levantar uma problemática que tenha aparecido no grupo, na escola, instituição ou no cotidiano. Para não ficar algo muito repetitivo, pode ser legal eleger temas diferentes para cada grupo, por exemplo: a praça da rua, o centro comunitário, o posto médico, a limpeza do bairro etc.

- No exemplo que darei, vou usar o tema “Escola”, pois geralmente os educandos têm visão muito negativa sobre a instituição. Então, pedir para que façam levantamento de tudo que observam de negativo na escola.

Desenvolvimento

- Escolher 4 subtemas para que trabalhem em cima, levantando os principais problemas desse item. Depois de concluído, pedir para que apontem ideias para solucionar esses problemas. Ou seja, terão que pensar nos problemas e suas soluções, dentro de uma possibilidade real.

- No caso do tema escola, os subtemas podem ser: “principais problemas da escola”, “principais problemas dos professores e matérias”, “principais problemas com os alunos” e “principais problemas comigo em relação à escola”.

- Para cada subtema são necessárias duas filipetas de aproximadamente 12cm X 5cm (uma para os problemas e o outro pra solução), que deverá ser preenchido como tópicos (por conta do espaço).

- Importante colocar cada educando como protagonista, fazendo com que ele reconheça sua responsabilidade, observando seus erros e fragilidades nesse processo e de que forma **ele** pode ajudar a resolver. Há uma tendência em julgar o outro e passar a responsabilidade adiante, sem se autoavaliar.

- Cada grupo deverá construir um zine formato carteira para acomodar as filipetas. Cabe a cada equipe decorar ao seu gosto (mas a prioridade é o conteúdo).

- Após a conclusão, é interessante que o grupo apresente para os demais.

LETRAS DE MÚSICA

Materiais

- Itens utilizados para produção de zines, no formato que escolher, equipamento para reprodução de áudio com caixas amplificadas, mídias de músicas.

Introdução

- Apresentar para a turma adaptações de músicas para outros formatos como, por exemplo, “Faroeste Caboclo”, adaptado para o cinema.

- A preferência é que o trabalho seja individual, podendo ser dividido em duplas, no máximo.

Desenvolvimento

- Pedir para que pesquisem e escolham alguma letra de música que conte alguma história e que seja possível adaptar para um zine (nesse caso, não recomendo “Faroeste Caboclo”!).

- Estimule para que criem roteiros a partir de cada trecho da canção escolhida.

- Cada participante ou dupla deverá criar sua publicação utilizando a técnica que lhe for mais confortável (desenho, colagem, fotografia etc.) e aplicar num formato de zine escolhido.

- Se possível, colocar no zine o link da música e/ou QR Code²⁵ para que acessem a música e acompanhem.

OS TOP 5 QUE ME DEFINEM

Materiais

- Itens utilizados para produção do zine em formato x-book.

Introdução

- Falar com o grupo sobre o quanto as coisas que gostamos, acreditamos, nos espelhamos, formam a nossa personalidade. Exemplo disso é quando nos interessamos por alguém e vamos *stalkear*²⁶ a pessoa na internet, vendo o que ela faz, gosta e com quem se relaciona. A partir daí criamos um perfil de como ela é e avaliamos se vale a pena investir ou não nela.

Desenvolvimento

- Ensinar ao grupo o formato de zine x-book. Peça para numerarem com lápis as páginas, inclusive a capa (página 1) até a contracapa (página 8).

- Comece pela página 2, deixando a capa no final da atividade.

- Para cada será formada por um Top 5 de coisas que fazem referência a cada participante. A sugestão é a seguinte:

- Página 2 – 5 bandas, cantores favoritos.

- Página 3 – 5 passatempos favoritos.

25. Há muitos sites que criam QR Code de forma gratuita, como o <https://br.qr-code-generator.com>

26. “Perseguir” – tradução livre.

- Página 4 – 5 livros ou autores favoritos.
- Página 5 – 5 personalidades-referência. Importante aqui listar nome de pessoas conhecidas. Há uma tendência de as pessoas citarem parentes ou amigos que não é de conhecimento de quem está lhe *stalkeando*.
- Página 6 – 5 pratos de comida favoritos.
- Página 7 – 5 características que te definem. Apontar também características negativas, como: ansioso, ciumento, enrolado, por exemplo. O importante aqui é mostrar perfil, que nunca é perfeito.
- Página 8 (contracapa) - Como você se define? Em uma frase a pessoa precisa se descrever. Por exemplo: “sou um jovem otimista que luta por um mundo melhor”.
- Para finalizar, peça para darem um nome para a publicação, que deverá aparecer na capa onde cada um fará seu autorretrato. Claro que alguns reclamarão dizendo que não sabe desenhar, mas o importante que cada um faça do seu jeito, com seu traço, suas limitações.
- Legal abrir no final para quem quiser falar dos gostos mais peculiares. Já teve oficina que uma pessoa disse que gostava de música celta. E, curiosamente, outra pessoa nesse mesmo grupo demonstrou o mesmo gosto. Talvez seja uma oportunidade para juntar afinidades.

FEIRA DE PUBLICAÇÕES NA ESCOLA

Agora que a turma já tem algum contato com o universo dos zines, é interessante compartilhar os conteúdos com mais pessoas e uma feira de publicações pode ser uma boa estratégia.

Porém, essa oportunidade não pode ser apenas “mais um evento da escola” ou que esteja desconectado com projeto pedagógico ou plano de aula. Quanto mais amarrado com os temas estipulados pela sua organização, melhor. O ideal é que tenha mais de um professor ou educador envolvido no projeto e que haja apoio da coordenação pedagógica.

Para que possamos chegar próximo disso, seguem algumas dicas para que seu projeto seja redondinho e que envolva todos (a maioria das pessoas) de sua instituição.

Apresentar objetivos, planejamento, ações para envolvimento de editores, educandos e familiares. Importante que seu projeto seja bem amarradinho, com objetivos claros para que, com isso, consiga apoio de outros docentes e coordenação. Não sabe por onde começar? Veja o capítulo “Vamos colocar no papel?” onde dou algumas dicas de como escrever um projeto. Quanto mais seu projeto promover ações interdisciplinares, ações com famílias e protagonismo dos educandos, melhor.

Convidar autores e publicadores para palestras e debates. Além dos trabalhos produzidos pelos educandos, também é importante que autores e publicadores participem da feira para que, além de promover o contato direto do autor com o público, também seja uma forma de apoiar o trabalho autoral. Claro que o acesso a artistas independentes é mais fácil do que nomes

consagrados pela grande mídia, e eles geralmente amam receber convites do tipo.

As palestras e debates podem ocorrer antes ou durante a feira. É importante que os educandos sejam previamente apresentados ao trabalho do convidado, para entenderem quem é e do que se trata e também para formularem perguntas ou dúvidas durante o evento. Se for optar para palestras ou debates acontecerão durante a feira, importante que escolha temas que converse com o público presente. De repente o assunto pode ser muito interessante, mas para familiares e demais educandos pode não fazer sentido algum, lembrando que esse tipo de público é circulante, ou seja, nem todos estarão totalmente focados na palestra ou debate (a não ser que faça em espaços paralelos).

Criar tarefas ou gincanas para que os educandos garantam sua participação. Para tornar o evento mais interativo, criar missões ou desafios pode ser uma boa não só para que a maioria participe, mas também para que conheçam mais sobre as publicações que estarão na feira. Pode, por exemplo, procurar determinado autor ou publicador e fazer minientrevistas, ou encontrar tal personagem e, quem achar, recebe um carimbo ou selo do autor como prova e, ainda, achar uma publicação que trata de determinado assunto. Pode até valer pontinhos nas matérias, por que não? Obviamente que para elaborar os desafios, os professores ou educadores envolvidos precisam conhecer as publicações e os autores com os quais quer interagir.

Garantir espaço com publicações dos educandos para troca e venda. É importantíssimo que os educandos também tenham mesas para distribuir suas produções. De repente, uma mesa por turma; criar kits de zines por turma ou temática e comercializar o pacote de zines; ou mesmo realizar uma curadoria

com as publicações que se destacaram, enfim, criar uma forma de ter o trabalho dos educandos no mesmo patamar dos autores e publicadores presentes. Se houver educando que já publique, legal dar um destaque e até colocá-lo em uma das mesas de palestra ou debate.

Mas algo importante precisa ser salientado caso optar pela curadoria: elaborar critérios para que não se transforme numa competição ou caracterize meritocracia. Estimular a competitividade no meio de publicações independentes é uma falha imperdoável. Então, muito cuidado e sensibilidade nesse momento.

Envolver as famílias em algumas atividades. Para a feira fazer sentido para os familiares, é necessário criar alguns momentos de interação com eles. Primeira coisa é definir a data da feira para um sábado ou domingo, a fim de garantir a participação de mais pessoas. Promover momentos de aprendizagem como, por exemplo, oficinas de zines coordenadas pelos próprios educandos. Caso as atividades desenvolvidas em sala tenham reverberado em casa, poderia abrir espaço para relatos de familiares. De repente se uma atividade mobilizou a família, seria interessante relatar até para estimular outros familiares sobre a importância de colaborar no trabalho dos filhos. Se houver algum familiar envolvido com publicações, ainda melhor! Essa pessoa também poderia ter uma fala ou mesmo promover alguma oficina durante a feira, nesse caso, é importante fazer um levantamento durante o processo do projeto.

Colocar os educandos como protagonistas do evento é essencial. Criar equipes para ajudar na produção é fundamental para que tenham contato com a produção de eventos e deem mais sentido para a feira. Pode ter equipe para planejar o evento, outra para receber os expositores, que ajude a montar as mesas,

para orientação do público, cuidar da trilha sonora, para fazer um *making of*²⁹ do evento, enfim, auxiliarem no que for necessário.

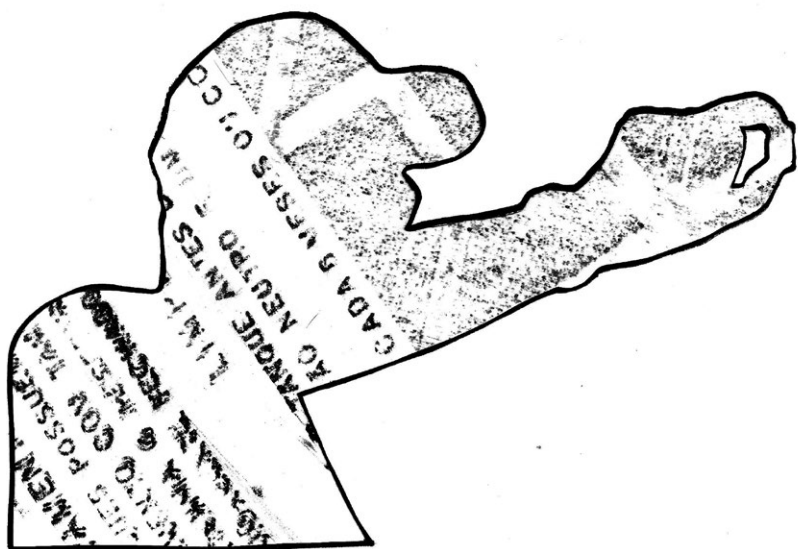
Fazer um balanço com os resultados do evento. Reunir os envolvidos para avaliar como foi a experiência, levantar pontos positivos e o que pode ser melhorado no próximo evento. Nunca se esqueça de agradecer e evidenciar a participação de todos em cada etapa do projeto.

29. Registro audiovisual de uma produção, mostrando os bastidores, de como foi feito, montado, organizado, além de depoimentos de pessoas que participaram do processo.

AGORA É CONTIGO

ONDE ADQUIRIR ZINES E PUBLICAÇÕES SOBRE O ASSUNTO

SAIBA MAIS



Acho que já escrevi bastante aqui. Espero que você esteja se coçando para poder começar a escrever seu projeto de oficina e fazer a coisa acontecer!

Como já disse lá no começo: o que está registrado aqui é um relato de minha experiência e o caminho que fiz para chegar até o formato que caracterizam meu estilo de ensinar. Essa não é a “fórmula do sucesso”, é apenas para tentar despertar em você a vontade de multiplicar a ideia da produção de zines em diversos ambientes e pessoas. Você que vai escrever sua história e conduzir suas oficinas dentro de seu contexto, do seu jeito e sua forma.

Espero que, além de criar seu próprio estilo de lecionar, também sistematize como estou fazendo nesse exato momento. A sua forma de desenvolver oficinas e aulas pode também estimular mais pessoas a desenvolverem uma técnica de ensino.

Nesses muitos anos envolvido com publicações, os zines me trouxeram muitas coisas boas: pessoas, momentos, transformações, descobertas, aprendizados, viagens e muito mais. Falar sobre o assunto, ajudar quem se interessar, sugerir, apoiar, é o mínimo que posso fazer e faço com muita atenção e prazer: é a minha missão. Então, caso precise saber mais, tem dúvidas, me procure que posso ajudar na medida do possível. Sempre ajudo de alguma forma. O que quero é que mais e mais pessoas se interessem pelo assunto, pesquisem e escrevam a respeito e, sobretudo, façam muitos zines.

ONDE ADQUIRIR ZINES E PUBLICAÇÕES SOBRE O ASSUNTO

LOJAS FÍSICAS

- Banca Carrocinha: Rua Luís de Camões, 68 – Rio de Janeiro/RJ
- Banca Curva: Rua Dr. Cesário Mota Jr., 340 – São Paulo/SP
- Banca Tatuí: Rua Barão de Tatuí, 275 – São Paulo/SP
- Fotolab: Rua Brigadeiro Tobias, 118 – sala 2621 – São Paulo/SP
- Lovely House: Rua Augusta, 2690 - #329 – 2º andar – São Paulo/SP
- Ugra Press: Rua Augusta, 1371 – São Paulo/SP

LOJAS VIRTUAIS

- Banca Tatuí: bancatatuui.com.br
- Clube Molotov: clubemolotov.com
- Deriva dos Livros Errantes: linklist.bio/derivaerrante
- Direto do Produtor: cargocollective.com/diretodoprodutor
- Editora Merda na Mão: editoramerdanamao.blogspot.com
- Experimentos Impressos: linktr.ee/experimentosimpressos
- Lovely House: lovelyhouse.com.br
- Microcosm Publishing: microcosmpublishing.com
- Marca de Fantasia: marcadefantasia.com
- No Gods No Masters: nogods-nomasters.com
- Selin Trovoar: trovoar.lojaintegrada.com.br
- Punc Libreria: instagram.com/punclibreria
- Ugra Press: ugrapress.com.br

SAIBA MAIS

LIVROS SOBRE ZINES E PUBLICAÇÕES INDEPENDENTES

Arte na medida. Rodrigo Medeiros (org.). São Paulo: Ação Educativa, 2012

Autopublicação: uma introdução para quem deseja criar o seu próprio projeto editorial. Ricardo Rodrigues. Canoas: Experimentos Impressos, 2019.

Fanzine como obra de arte. William de Lima Busanello. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015.

Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula. Renato Donisete Pinto. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si. Cellina Muniz (org.). Fortaleza: Edições UFC, 2010

Fanzines nas escolas: convite à experimentação. Renata Queiroz Maranhão. Fortaleza: EdUece, 2012

Histórias em quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines. Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva. São Paulo: Criativo, 2013

Histórias em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora? Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva. São Paulo: Criativo, 2015

Make a zine: start your own underground publishing revolution. Joe Biel e Bill Brent. Portland: Microcosm Publishing, 2017

Moxie: Quando as garotas vão à luta. Jennifer Mathieu. Rio de Janeiro: Verus Editora, 2018

Notes from underground: zines & the politics of alternative culture. Stephen Duncomb. Portland: Microcosm Publishing, 2017

O rebuliço apaixonante dos fanzines. Henrique Magalhães. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

O universo paralelo dos zines. Márcio Sno. São Paulo: TimoZine, 2015

Projetos pedagógicos: práticas interdisciplinares. Antônio Carlos de Oliveira. São Paulo: Avercamp, 2005

Whatcha mean, what's a zine? The art of making zines and mini-comics. Mark Todd e Esther Pearl Watson. Boston: Graphia, 2006

Zines no cárcere. Jô Feitosa, João Francisco Aguiar, Thina Curtis e Márcio Sno. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

METAZINES

Faça você mesma (o): fanzine. Danielle Barros. Teixeira de Freitas: 2016. ivsacerdotisa.blogspot.com.br

Fanzine – Vamos fazer um? Fafá Jaepelt. Timbó: 2016. [instagram.com/fafapelts](https://www.instagram.com/fafapelts)

Fanzines!! Customização de fanzines. Rodrigo Okuyama. São Paulo: 2015. [flickr.com/rodrigo_okuyama](https://www.flickr.com/rodrigo_okuyama)

Fanzines de Papel. Márcio Sno. São Paulo: 2007. issuu.com/marciosno

Fazer (e vender) zines e outras publicações. Lila Cruz. Salvador, 2017. quadradablog.wordpress.com

Let's make a zine! An interactive workshop. Olivia M. Estados Unidos: 2017. oliviaszines.tumblr.com

Mini zine instructions. Ness Lee. Texas, 2015. www.nesslee.com

O fabuloso destino do fanzine na sala de aula. Fernanda Meireles e Herjan Sá. Fortaleza: 2011. fb.com/fernanda.meireles.399

O guia definitivo da zine. Luara Erremays. São Paulo: 2017. issuu.com/erremays

Oficina de zines – Guia para educadores. Márcio Sno. São Paulo: 2014. issuu.com/marciosno

Peibê. Alberto de Souza – Beralto. Macaé: vários números. portal1.iff.edu.br/

Pez. Mon Magán. Madrid: vários números. monmagan.com

Pra que serve um zine? Márcio Sno. São Paulo, 2015. issuu.com/marciosno

Zitrine – Cartilha de Fanzine. Bianca Carvalho, Marcelo Barbosa, Susi Viana. Caruaru, 2015. fb.com/zitrine.ed

DOCUMENTÁRIOS E FILMES

Deer Boy. Diretor: Katarzyna Condek. Polônia: 2017. Disponível em: vimeo.com/510614745

Fanzine Ouvidor. Diretor Roger Beat Jesus. Brasil: 2022. Disponível em: <https://youtu.be/jDgvqI18myM>

Fanzineiros do Século Passado – Capítulo 3: O fanzine e o rock independente dos anos 90, na sala de aula, como objeto de pesquisa e divisor de águas (e seu futuro). Diretor: Márcio Sno. Brasil: 2013. Disponível em: vimeo.com/marciosno

HQ Brasil – Fanzines. Produção: Glow A|V. Brasil: 2013. Disponível em: vimeo.com/67853207

Moxie: Quando as garotas vão à luta. Diretor: Amy Poehler. EUA: 2021.

O silêncio dos homens. Diretores: Ian Leite e Luiza de Castro. Brasil: 2019. Disponível em: <https://youtu.be/NRom49UVXCE>

Pro dia nascer feliz. Diretor: João Jardim. Brasil: 2005.

CONTEÚDOS ON-LINE

Brincando de Criar: youtube.com/brincandodeimaginar

Fanzinando Ideias: <https://cutt.ly/BfC1iCl>

Fanzinoteca IFF Macaé: <http://portal1.iff.edu.br>

Meu Zine Minha Vida: youtube.com/marciosno

Mon Magán: monmagan.com

LIVROS DE SUPORTE

A anarquia explicada aos nossos filhos. José Antonio Emmanuel, tradução de Paulo Verano, ilustrações de Rodrigo Visca. São Paulo: Edições Barbatana, 2017.

A declaração universal do moleque invocado. Fernando Bonassi, ilustrações de Azeite. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

A democracia. Equipo Plantel, ilustrações Marta Pina. São Paulo: Boitatá, 2015.

A ditadura é assim. Equipo Plantel, ilustrações Mikel Casal. São Paulo: Boitatá, 2015.

A menina que não se encaixava. Mariana Tavares. São Paulo: Gafanhoto Verde-Sol, 2019.

As mulheres e os homens. Equipo Plantel, ilustrações Luci Gutiérrez. São Paulo: Boitatá, 2016.

Haicobra. Fabio Maciel, ilustrações Márcio Sno. Rio de Janeiro: Bambolê, 2017.

Não fiz minha lição de casa porque... Davide Cali, ilustrações Benjamin Chaud. Barueri: Amarilys, 2014.

O labatrux e outras desventuras. Judith Nogueira. São Paulo: Quatro Cantos, 2014.

O que são classes sociais? Equipo Plantel, ilustrações Joan Negrescolor. São Paulo: Boitatá, 2016.

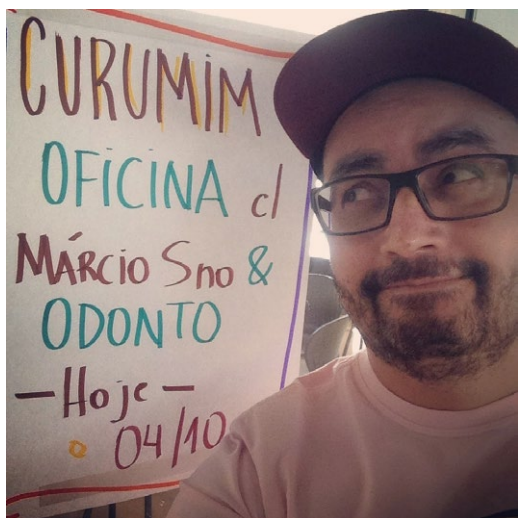


Oficina no Sesc Santo Amaro - novembro 2015
Foto: Alessandra Souza

MÁRCIO SNO

Nascido em 1975, Márcio Sno é paulista, zineiro, jornalista, ilustrador, pesquisador e educador. Criador do personagem *Encostinho*, o Diabinho Gente Boa. Nos anos 1990 editou diversos zines e colaborou para muitos outros no Brasil e exterior. No mesmo período fez ilustrações para bandas e zines. A partir de 2005 passou a coordenar diversas oficinas de Zines, Brinquedos de Papel e Histórias em Quadrinhos para crianças, adolescentes, jovens, educadores e público em geral, em escolas, universidades, bibliotecas, ONGs, centros culturais e unidades do Sesc. Entre 2011 e 2013 lançou três capítulos da série de documentários *Fanzineiros do Século Passado*, que já foi exibido em todo o Brasil e países como Canadá, Inglaterra, Turquia, Argentina e Belarus. Em 2015 lançou seu primeiro livro *O Universo Paralelo dos Zines* pela Editora Timo. Idealizou e ilustrou em 2017 o livro *Haicobra* (Bambolê), com textos de Fabio Maciel e selecionado no Catálogo da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil) – Bolonha 2018. Organizador dos livros *A Primeira Vez*, *Zines no Cárcere* e *Doce Libertar* (todos pela Marca de Fantasia, 2020). Constantemente lança zines com temáticas, formatos e tamanhos diferenciados, que vende nas diversas feiras de publicações independentes que participa. Já perdeu as contas de quantos zines lançou. Ainda produz videoaulas, tutoriais, animações em *stopmotion* e conteúdo para o programa *Meu Zine Minha Vida*.

linktr.ee/marciosno



NA LINHA DE FRENTE

Em “Na Linha de Frente”, Márcio parte de sua prática, relata os percalços e emoções ao lidar com crianças, jovens e adultos que se veem capacitados a ter autonomia e voz por meio da produção de pequenas publicações artesanais, mas que podem adquirir um significado transformador em suas vidas.

Henrique Magalhães

